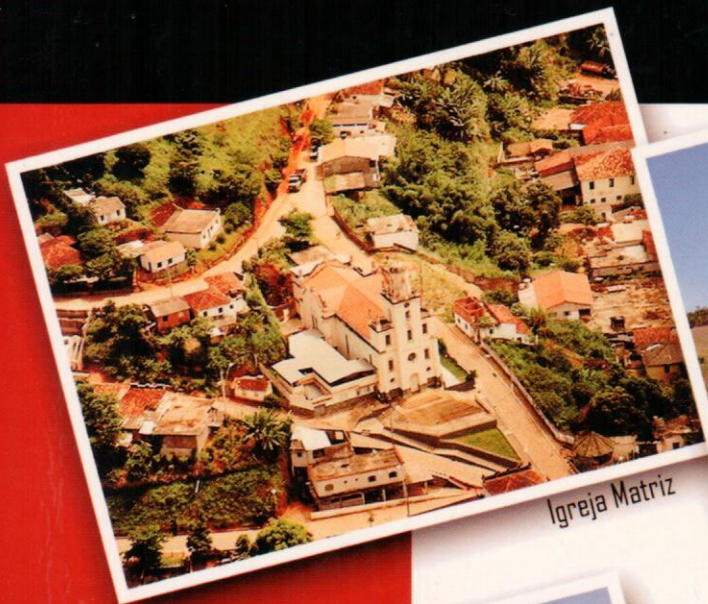
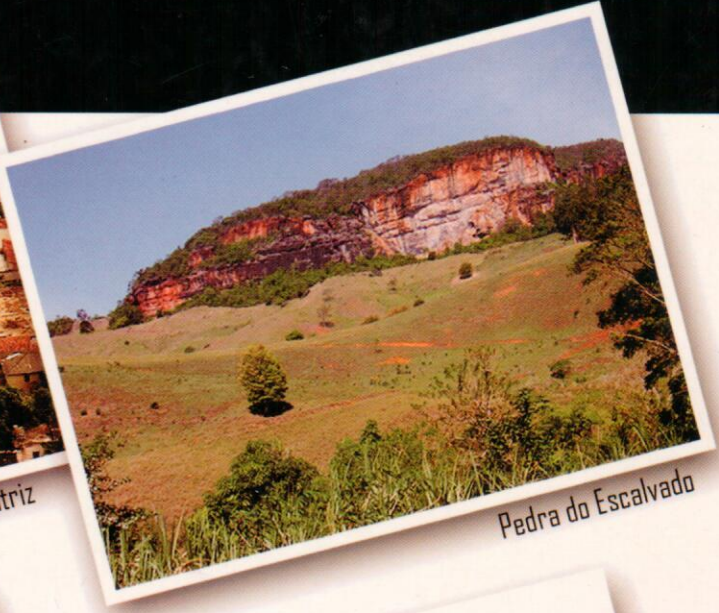


História de

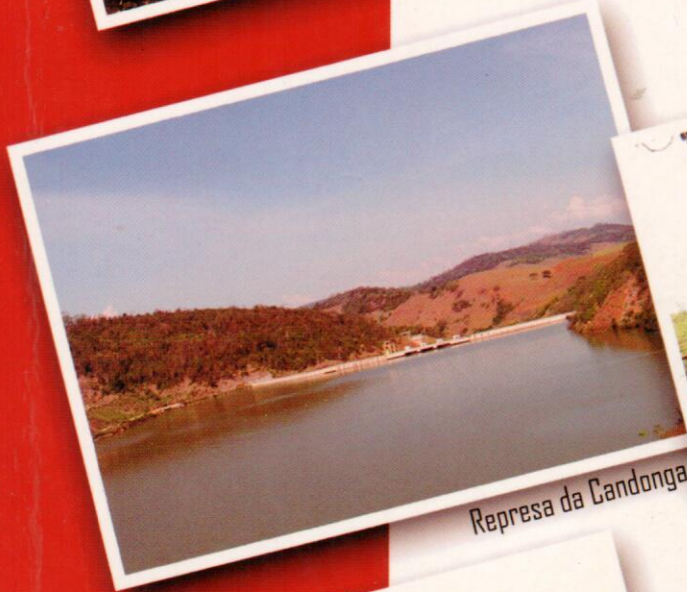
Santa Cruz do Escalvado



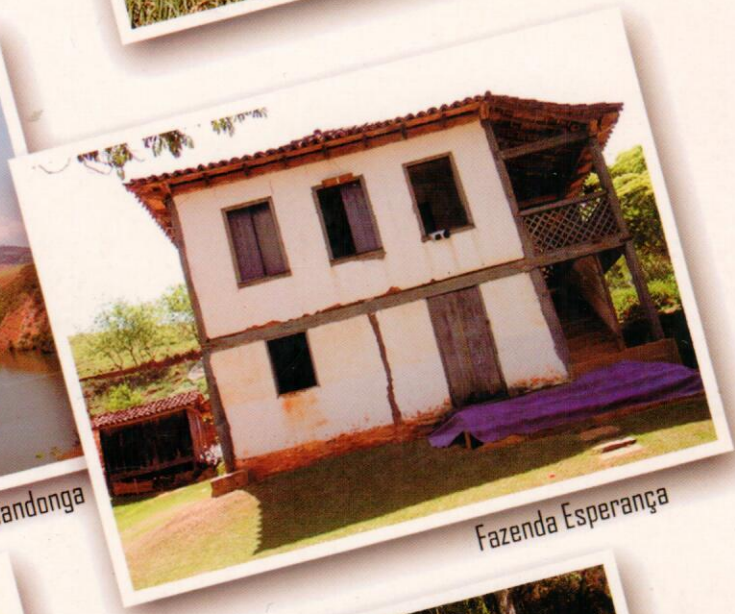
Igreja Matriz



Pedra do Escalvado



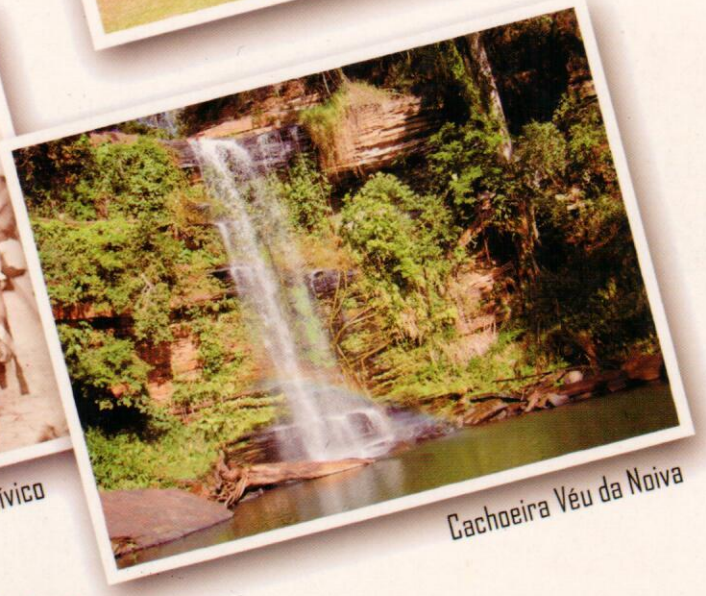
Represa da Candonga



Fazenda Esperança



Desfile Cívico



Cachoeira Vêu da Noiva

Angelo Adriano Faria de Assis
André Luiz Lopes de Faria
Marcus Vinícius Reis

Geographica Consultoria e Projetos
Editora

História de Santa Cruz do Escalvado

Autores:

Angelo Adriano Faria de Assis

André Luiz Lopes de Faria

Marcus Vinícius Reis

Outubro de 2009

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV

A848h
2009

Assis, Angelo Adriano Faria de, 1971-
História de Santa Cruz do Escalvado / Angelo Adriano
Faria de Assis, André Luiz Lopes de Faria e Marcus
Vinicius Reis. - Viçosa, MG : Geographica, 2009. 77p.: il.
col.; 29cm.

ISBN 978-85-61911-09-6.

1. Santa Cruz do Escalvado (MG) - História. 2. Santa
Cruz do Escalvado (MG) - Geografia. I. Faria, André Luiz
de, 1970-. II. Reis, Marcus Vinicius, 1989-. III. Título.

CDD22.ed. 981.51

Sobre os autores:

Angelo Adriano Faria de Assis. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense; Professor Adjunto do Departamento de História – Universidade Federal de Viçosa.

André Luiz Lopes de Faria. Doutor em Agronomia – Ciência do Solo em pela Universidade Federal de Viçosa; Professor Adjunto do Departamento de Geografia - Universidade Federal de Viçosa.

Marcus Vinícius Reis. Graduando em História pela Universidade Federal de Viçosa.

Equipe de Apoio:

Roberta Guimarães Franco – Revisão Gramatical

Carla Maria Lanna de Siqueira – Supervisora Pedagógica.

Flávia Miranda Silva – Agente Administrativa da Divisão de Educação.

Conselho Municipal do Patrimônio Cultural (2007-2009)

João Bosco da Silva Jales - Chefe da Divisão de Educação, Cultura, Esporte e Lazer. (2008)

Geraldo de Aquino Filho – Prefeito (Administração 2005-2008)

Fabiano de Jesus Ângelo - Chefe da Divisão de Educação, Cultura, Esporte e Lazer. (2009-2012)

Gilmar de Paula Lima - Prefeito (Administração 2009-2012).

Editoração – Foto Universitário Informática – 31 3892 5758

Santa Cruz do Escalvado

Outubro de 2009

Sumário

Introdução	07
Capítulo 1 – Localização Geográfica	09
Capítulo 2 – Aspectos econômicos da Cidade	15
Capítulo 3 – Clima, Vegetação, Relevo e Hidrografia	21
O Clima	21
A Vegetação	22
O Relevo	24
A Pedra do Escalvado	25
A Hidrografia	29
Capítulo 4 – A Ocupação da Região	32
A emancipação política de Santa Cruz do Escalvado	37
Capítulo 5 – As Nossas Fazendas	41
Capítulo 6 – Patrimônio Artístico, Cultural e Memória	47
Origens do nome “Santa Cruz do Escalvado”	48
A Igreja de Santo Antônio	50
A Igreja Matriz de Santa Cruz do Escalvado	51
Outras igrejas e capelas	53
As festas típicas de Santa Cruz do Escalvado	56
A Banda União Três de Maio e a Filarmônica Santa Cruz do Escalvado	61
O Antigo Cinema	63
Capítulo 7 – A represa e as enchentes: história recente do município	64
Capítulo 8 – Os esportes na cidade	68
Capítulo 9 – As escolas de Santa Cruz	69
O Sino do Grupo Escolar	73
Outras Escolas do Município	74
A localização das escolas existentes no município de Santa Cruz do Escalvado	76
Escolas extintas	78
Concluindo...	79

Introdução

Estudar a história do lugar em que vivemos é estudar um pouco da nossa própria história. Conhecer as paisagens, as modificações urbanas, o aparecimento de novas construções e o desaparecimento de outras, o surgimento de novos bairros, a mudança na ocupação de determinados espaços. Tudo isso é fruto da ação dos homens, que buscam, através das transformações constantes, adaptarem o local em que vivem e convivem com outros cidadãos às necessidades de todos.

Ao compreendermos o processo de ocupação do espaço e suas transformações ao longo do tempo, conseguimos perceber como nós nos inserimos nesta sociedade. Conhecendo a história da casa onde moramos, da nossa rua, de nosso bairro, de nossa cidade, de nosso país, compreendemos melhor o modo como vivemos hoje e aprendemos a respeitar as diferenças sociais, econômicas e culturais que encontramos a cada dia.

Tornamo-nos cidadãos melhores e mais conscientes, compreendendo direitos e deveres, nossos e de todos. Ao olharmos fotos antigas, construções de outras épocas, as modificações na natureza e no espaço urbano, lembrarmos fatos do passado, festividades que acontecem ano após ano, percebemos como a vida de todos nós é fruto da memória, da lembrança, da história. É a História que explica quem somos hoje e indica o que seremos no futuro.

Apesar de ser um município relativamente novo, fundado em 1948, Santa Cruz do Escalvado tem uma longa história, que começa ainda na época dos primeiros povoadores das Minas Gerais, que para aqui vieram à busca de metais preciosos, na corrida do ouro. Mas esta história se completa a cada novo dia, com os acontecimentos que nós próprios, personagens desta história, testemunhamos e realizamos.

Ao procurar conhecer sua história e contá-la para os habitantes e todos que por aqui passam, o município dá um passo decisivo na direção do que pretende ser, pois recuperar sua história é planejar os próximos passos.

Este livro procura ser uma pequena ajuda para que possamos conhecer melhor a história de Santa Cruz do Escalvado, suas origens, características e riquezas culturais. Ao compreendermos melhor nossa cidade, seremos cidadãos mais preparados para ajudá-la a crescer mais no futuro.

Capítulo 1:

Localização Geográfica

O município de Santa Cruz do Escalvado está localizado no leste do Estado de Minas Gerais, e pertence ao “Circuito Serras de Minas”, à mesorregião da Zona da Mata e à microrregião de Ponte Nova.



Figura 1: Mesorregiões de Minas Gerais.

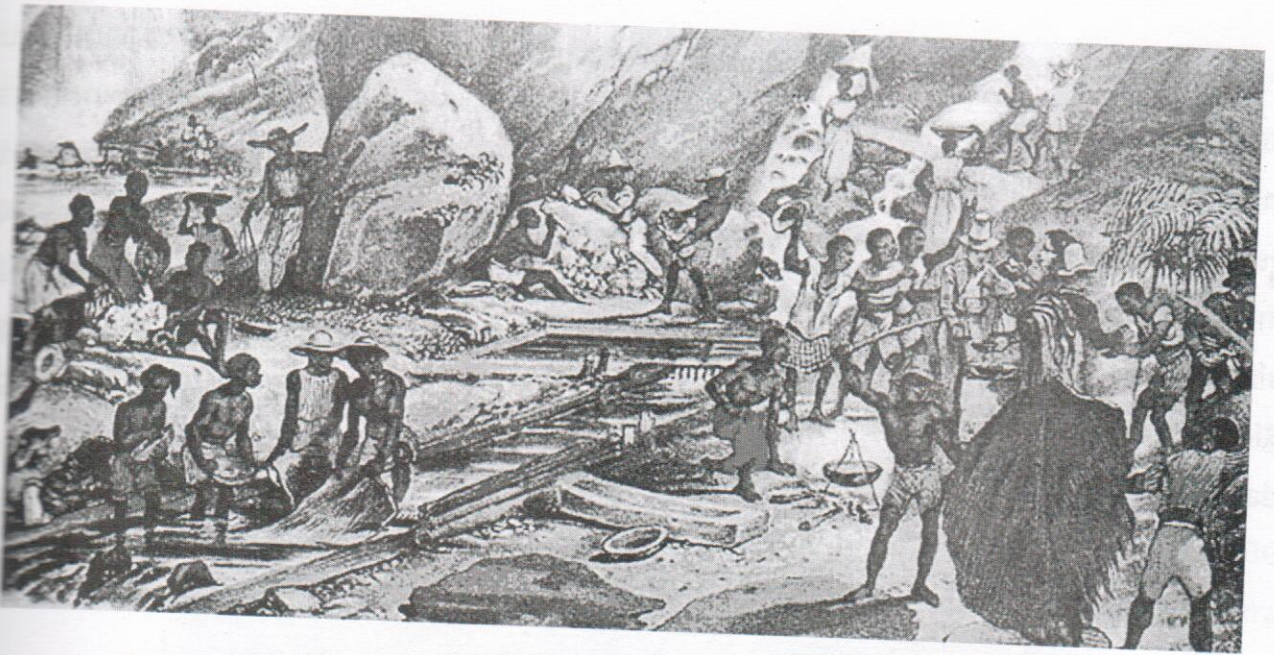


Figura 3: Johann Moritz Rugendas, *Lavagem do ouro* (detalhe).

Num primeiro momento, a Zona da Mata servia de ponto de passagem e ligação entre as áreas de mineração e o litoral, onde o ouro era escoado através das embarcações que seguiam para a metrópole portuguesa. Posteriormente, tornou-se importante fornecedora de alimentos para as regiões mineradoras.



Figura 4: Mapa antigo da região da Zona da Mata Mineira.

Com a decadência da exploração do ouro, a partir da segunda metade do XVIII, muitos dos antigos mineradores e pessoas que viviam na região por conta das riquezas minerais deslocaram-se para a Zona da Mata, trazendo também a mão-de-obra escrava que usavam na mineração e que, na nova região, seria fundamental para o desenvolvimento da produção agrícola. Assim, a Zona da Mata continuava como fornecedora de alimentos, não apenas para as áreas de mineração, já decadentes, mas também para o Rio de Janeiro, sede da colônia. Já no século XIX, a região ganharia destaque por conta da produção cafeeira, que tornar-se-ia o principal produto da economia do Império.



Figura 5: Mapa da Estrada Real (www.descubraminas.com.br) – Principais rotas para o escoamento do ouro.

De acordo com o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Santa Cruz do Escalvado está localizada a 351 metros de altitude, nas coordenadas geográficas de latitude $20^{\circ}13'36''S$ e longitude $42^{\circ}49'24''O$. A cidade possui uma área de 258 Km², representando 0.044% do Estado de Minas Gerais, 0.0279% da Região da Zona da Mata de Minas Gerais (Neste livro utilizaremos o termo Zona da Mata para referir à Mesorregião da Zona da Mata de Minas Gerais) e 0.003% de todo o território brasileiro. Seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0.67, segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano/PNUD (2000). Em 2007, a população era de cerca de 5193 habitantes, distribuídos entre as zonas rural e urbana. Conforme os dados do Censo Demográfico do IBGE de 2000, 30,55% habitantes concentravam-se na área urbana e 69,45%, na área rural.

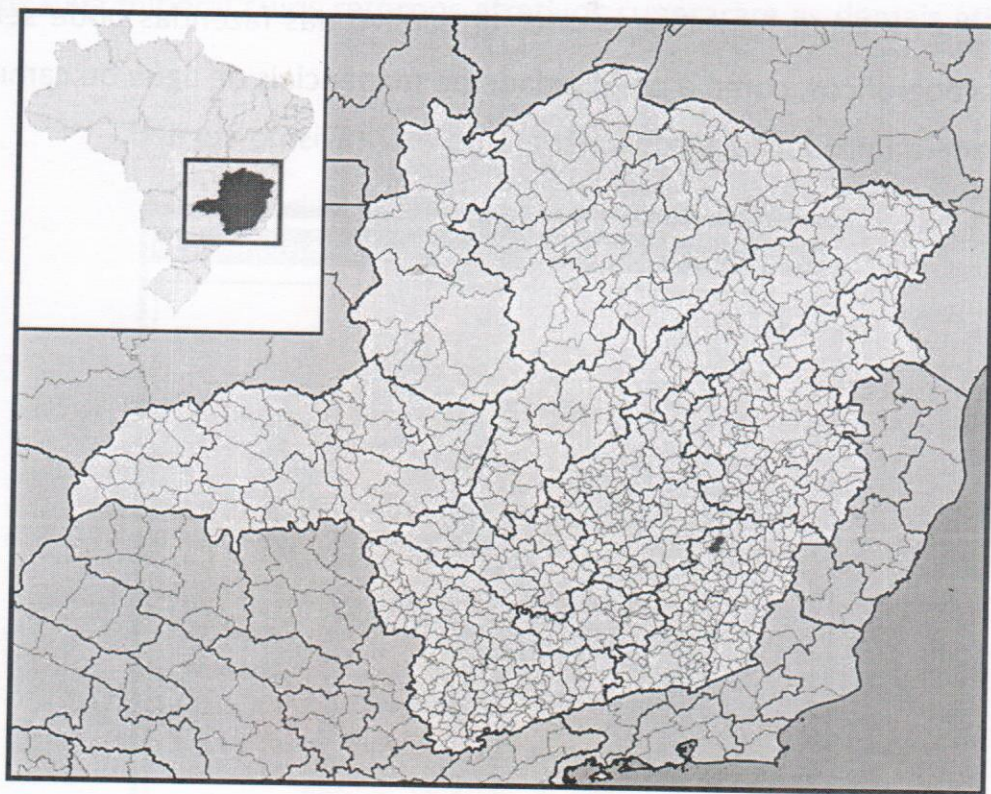


Figura 6: Mapa de Minas Gerais. No detalhe, o município de Santa Cruz do Escalvado.

Santa Cruz do Escalvado fica localizada a aproximadamente 214 Km de Belo Horizonte e a 930 Km de Brasília, capital federal, e tem a BR-120, a BR-262, a MG-123 e a MG-262 como as principais rodovias que servem ao município. Além de sua sede, o município é composto pelos distritos de Nova Soberbo e de Zito Soares. A cidade faz limite com os municípios de Sem Peixe, Rio Doce, Ponte Nova, Urucânia, Piedade de Ponte Nova e Rio Casca.

O município está localizado numa região montanhosa, bastante acidentada, sendo banhado pelo Rio Doce e por alguns córregos e ribeirões, como Charneção, Escalvado, Sarandi, Quilombo, Sertão, dentre outros. Seu principal e mais conhecido acidente geográfico é a Pedra do Escalvado, localizada a poucos quilômetros da sede do município.

A área urbana é formada, em sua grande maioria, por construções do século XX, que dão mostras de diferentes momentos do processo de ocupação da cidade, como pontes, praças, casas, sobrados, estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços, sem a existência de altos edifícios.

Com relação à área rural, a distribuição das propriedades remonta ao período inicial de ocupação da região e aconteceu de forma desordenada, estendendo-se ao longo das terras da sede do Município. Este caráter dispersivo das fazendas pode ser explicado por fatores geográficos, como a proximidade de mananciais de água ou caminhos, além da diversidade da produção agropecuária e do extrativismo vegetal.

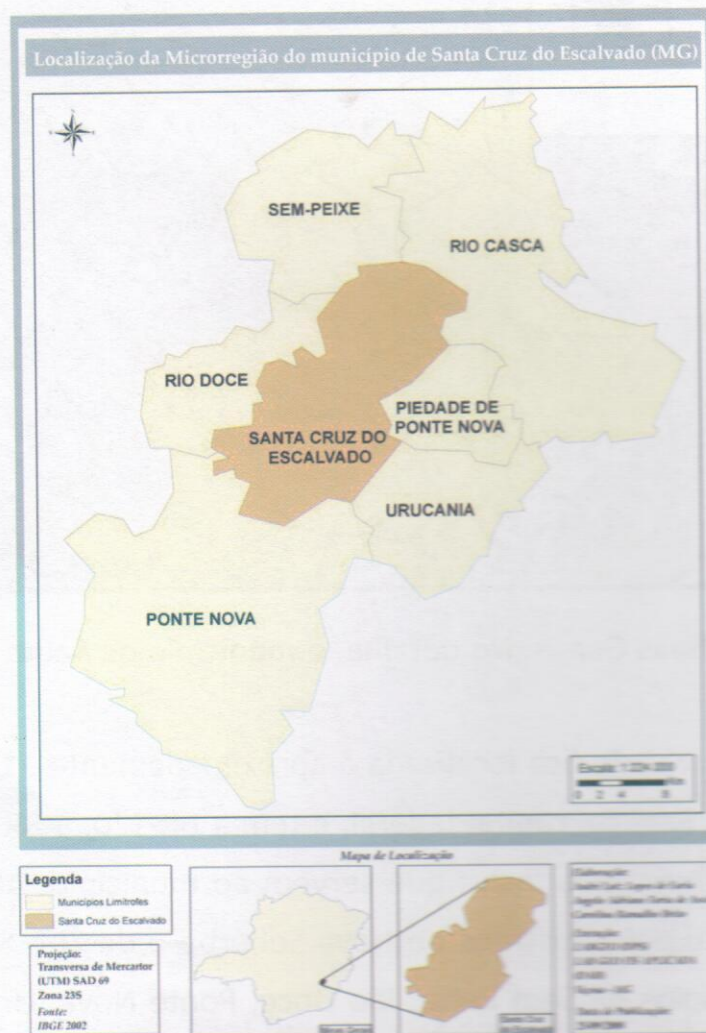


Figura 7: Municípios limítrofes à Santa Cruz do Escalvado.

Capítulo 2:

Aspectos econômicos da cidade

Assim como a maioria dos municípios pertencentes à Zona da Mata, Santa Cruz do Escalvado possui, desde o início de sua colonização, as bases econômicas tradicionalmente voltadas para a atividade agrícola e pecuária.

A Evolução histórica da Zona da Mata está vinculada ao modelo de ocupação do território mineiro. Na última década do século XVII tem início o processo de ocupação das Minas, caracterizado pela corrida para o ouro, iniciando-se a implantação de uma economia extrativa mineral cujos retornos atrativos superaram as demais atividades.



Figura 8: Figura típica dos primeiros exploradores da região das minas.

Ao longo do século XVIII, no auge da mineração, a região serviu como ponto de passagem entre a área mineradora e o Rio de Janeiro. A Zona da Mata também era uma das principais abastecedoras da região mineradora, fornecendo alimentos para aquela área. Durante muito tempo, a Zona da Mata não recebeu muitos colonos, em parte devido à decisão da Coroa Portuguesa de impedir o acesso às cidades mineradoras como estratégia de controle e forma de dificultar o contrabando de pedras e metais preciosos. Foi a partir de 1830, com a decadência da mineração e o surgimento de uma nova oportunidade econômica representada pela cultura do café, que a ocupação da Zona da Mata foi definitivamente efetivada. A vigorosa ocupação das terras, no entanto, repercutiu no rápido desaparecimento das matas originais que cobriam a região. A Mata Atlântica foi, aos poucos, sendo destruída para ceder espaço para a agricultura e criação de animais.



Figura 9: Povoação na Zona da Mata, século XIX.

Durante a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, os altos preços do café no mercado internacional – principalmente na Europa e nos Estados Unidos - incentivaram o aumento da **plantação de cafezais** e da produção deste produto na região.



Figura 10: Processo de derrubada da Mata original.

A disseminação da cultura do café, que era predominantemente cultivado nas encostas, acabou contribuindo para acelerar o desmatamento e originar alguns processos erosivos, que fizeram com que uma parcela considerável dos solos dessa região perdesse grande parte de sua fertilidade natural. Além desse problema ambiental, que causava queda de produtividade, no início do século XX, a crise econômica internacional faria com que os preços do café fossem reduzidos drasticamente. Como era o principal produto econômico da região, a decadência dos preços do café levou vários municípios da Zona da Mata a enfrentar mais uma série crise econômica.

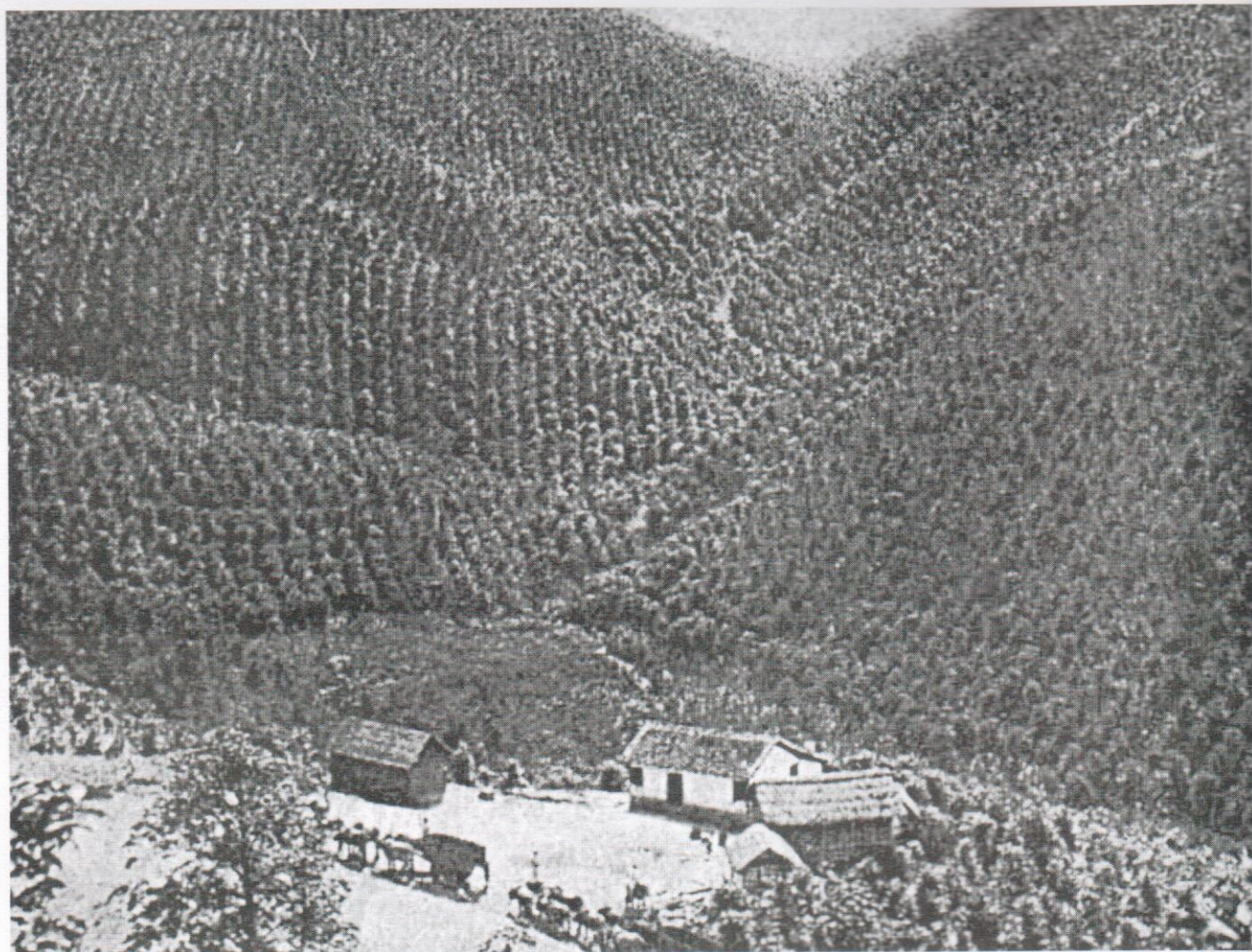


Figura 11: Fazenda de café.

Em Santa Cruz do Escalvado, a cultura de café predominou desde o auge nacional deste produto, ainda no século XIX, até a década de 1990, quando foi superada pela produção de cana-de-açúcar. O café, contudo, continua sendo produto forte da economia local. Nas fazendas, a suinocultura e a criação de gado, tanto para leite quanto para corte, abastecem o mercado interno do Município e suas redondezas, fornecendo para outras cidades, como Urucânia e Ponte Nova.

A cana-de-açúcar também é produto que merece destaque na economia da cidade. Seu auge aconteceu entre as décadas de 1970 e 1990, quando as plantações de cana de Santa Cruz abasteciam os seus engenhos, mas também os de outros municípios, como Ponte Nova. Na época, havia forte interesse e incentivo do Governo Federal à sua produção, visto que começava a ser implementado programas para utilização do álcool combustível, na tentativa de limitar a dependência do país ao petróleo internacional.



Figura 12: Tacho para a produção de rapadura.

A cana-de-açúcar continua tendo peso na economia do município, mas por outro motivo. Um dos ramos que vem ganhando destaque na cidade é o de produção de aguardente. A respeito desta produção local de cachaça, vários produtores aderiram, em dezembro de 2006, por intermédio da Prefeitura Municipal, à *Cooperativa dos Produtores de Cachaça Artesanal de Alambique do Vale do Piranga (COOPERVAPI)*, com o intuito de modernizar a produção, promover cursos de capacitação com novas técnicas de alambicagem e criar uma marca que pudesse dar visibilidade para o produto local. Antes da Cooperativa, de acordo com o então Prefeito do município, Geraldo de Aquino Filho, o produtor vendia a cachaça em garrafões, sem identidade e a preço baixo, para ser engarrafada por terceiros, o que impossibilitava o controle de qualidade e a divulgação e reconhecimento do nome da produção local. Atualmente, sob a orientação da Cooperativa, que engarrafa a bebida com a marca “Essência das Gerais” e com plano publicitário desenvolvido em parceria com a Universidade Federal de Viçosa (UFV), a cachaça santacruzense vem sendo reconhecida e tem ganhado mercados por sua qualidade, com boas expectativas de maior crescimento e geração de renda, além da criação de novos postos de emprego¹. A fama da cachaça de Santa Cruz acabou por dar origem a uma festa que ocorre anualmente na cidade, trazendo pessoas das mais diversas regiões para apreciar a cachaça produzida no município.



Figura 13: Cachaca Essência das Gerais. Disponível em <http://studium.ppg.br/jobs.php?cat=2&job=79>. Acesso em 24/01/2009.

Atualmente, não existem indústrias de médio e grande porte em Santa Cruz do Escalvado. Comparada a outras cidades de maior fluxo comercial e de produtividade na região, como Viçosa, Ponte Nova e Ouro Preto, o município possui um comércio relativamente reduzido, limitando-se, em boa parte, a estabelecimentos como padarias, mercearias, atividades varejistas com ênfase nos produtos alimentícios, bebidas, tecidos, artigos de vestuário, domésticos e materiais de construção.

Devido às suas características geográficas e climáticas, o município de Santa Cruz do Escalvado também apresenta, como grande parte da região da Zona da Mata, uma vocação de grande potencial para o turismo rural e ecológico, com sua rica variedade de montanhas, rios, cachoeiras, trilhas ecológicas, animais silvestres, clima ameno, fazendas antigas e culinária, além de sua gente calorosa e hospitaleira que ainda guarda tradições dos antepassados.

¹ FOLHA DE PONTE NOVA. "Economia/agropecuária: Zona da Mata investe em cachaça". 22 de junho de 2007, p. 22

Capítulo 3:

Clima, Vegetação, Relevo e Hidrografia

O Clima

O clima da região de Santa Cruz do Escalvado é mesotérmico, com temperaturas do mês mais frio abaixo de 18°C, verão quente e úmido e período seco bem definido. A temperatura média anual na região é de 17,6°C, ocorrendo, nos meses mais quentes, valores em torno de 22°C, e nos mais frios, em torno de 15°C. Toda a região apresenta temperaturas medianas elevadas durante quase todo o ano. Entretanto, estas são mais comuns no semestre primavera/verão. De outubro a abril, apenas as superfícies mais elevadas não possuem média superior a 26°C, chegando a ser superior a 28°C em largas extensões. De maio a setembro, as temperaturas apresentam-se mais baixas, atingindo o mínimo em julho, em torno de 15°C.

Quanto à umidade relativa do ar, os maiores valores médios ocorrem no mês de junho, em torno de 84%, e os menores valores, no mês de setembro, final do período seco, com médias em torno de 76%. As precipitações médias anuais giram em torno de 1.300mm, com um regime pluviométrico tropical, no qual há dois períodos bem distintos: um chuvoso, de outubro a março, com 86% do total das chuvas, e um seco, de abril a setembro, com 14% do total precipitado. Os maiores índices pluviométricos ocorrem em dezembro, girando em torno de 28,2mm, e os menores em julho, com cerca de 14,8mm.

A Vegetação

A vegetação inicial era composta pela floresta tropical, característica da região, sendo, na verdade, uma expansão da Mata Atlântica, que ocupava as regiões serranas da vertente Leste para o interior. A Mata Atlântica é formada por vegetação densa e permanentemente verde, apresentando elevado índice pluviométrico. As árvores têm folhas grandes e lisas. Encontram-se neste ecossistema muitas bromélias, cipós, samambaias, orquídeas e líquens, apresentando uma grande variedade de animais, como macacos, preguiças, capivaras, onças, araras, papagaios, beija-flores, répteis, anfíbios e inúmeros espécimes de invertebrados.

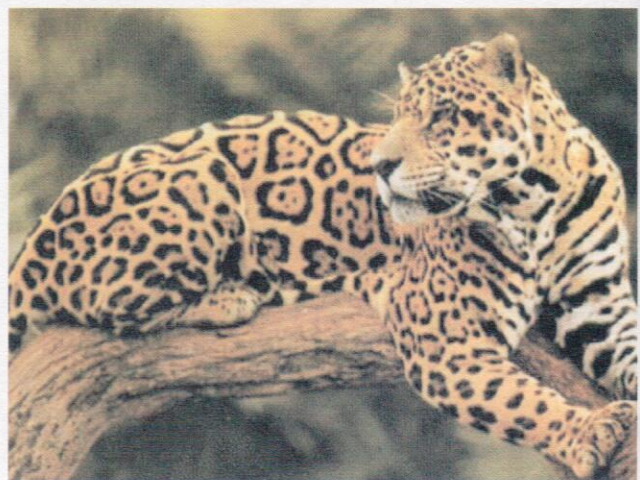


Figura 14, 15, 16 e 17: Exemplos da fauna e flora locais.

Remanescentes Florestais da Mata Atlântica



Fonte: FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA / INPE / ISA
 "Atlas da Evolução dos Remanescentes Florestais e Ecossistemas
 Associados no Domínio da Mata Atlântica", 1998.

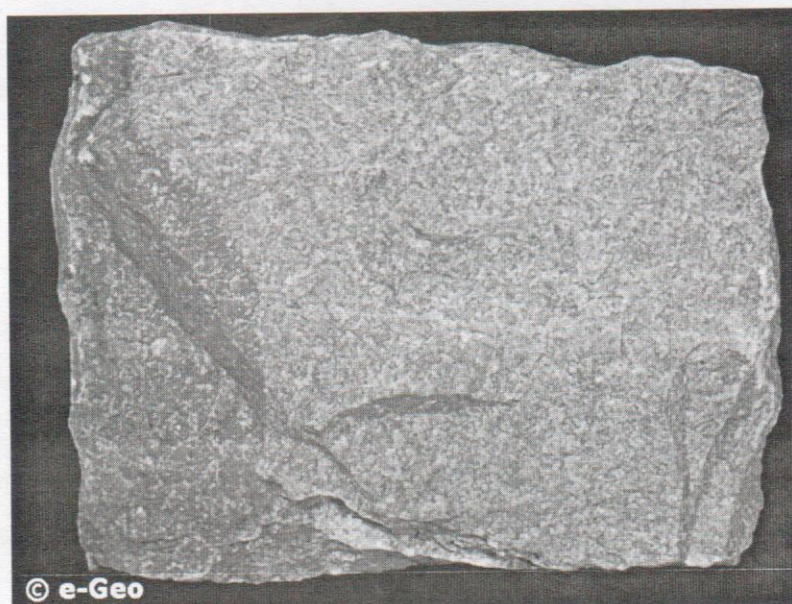
C I / FUND. BIODIVERSITAS / SOC. NORDESTINA DE ECOLOGIA
 Dados organizados para o Workshop "Prioridades para conservação
 da biodiversidade da Mata Atlântica no Nordeste", 1993.

Figura 18: Mata Atlântica - área de ocorrência (original e atual).

Hoje, porém, a Mata Atlântica que cobria originalmente a região se encontra em boa parte extinta. O padrão de explorações agropecuárias que se estabeleceu na Zona da Mata no início de sua colonização acarretou contínuas derrubadas das matas, que eram, então, substituídas pelas culturas que viriam a ser as tradicionais daquele espaço. As matas reduzem-se a pequenas manchas e capoeiras nas encostas íngremes; na maior parte das vezes, foram substituídas por cafezais e, posteriormente, por pastagens e outras lavouras.

O Relevo

O relevo da Zona da Mata é acidentado, caracterizando-se pelo predomínio de colinas e vales estreitos, assim como algumas serras. Geologicamente, a região situa-se sobre as litogias do Complexo Mantiqueira, Suíte Metamórfica São Sebastião do Soberbo e Grupo Dom Silvério. As rochas presentes são principalmente ortognaisses graníticos, tonalíticos, anfibolitos, rochas calcossilicáticas, muscovita, quartzitos, xistos, magnetita, gonditos, mármore, biotita, gnaisses³.



Figuras 19 e 20: Gnaisse e quartzito.

³ ARO Arquitetos Associados Ltda. Op. cit., 2006.

A região caracteriza-se, ainda, por uma paisagem conhecida como “mares de morros”, com colinas mamelonares e cristas. Os cursos d’água percorrem vales bastante encaixados, freqüentemente com leitos rochosos e diversas quedas d’água. O principal rio da região, o Rio Doce, exibe um leito rochoso com corredeiras e meandros sinuosos entre seqüências de terraços fluviais e rampas de colúvio inclinadas. As planícies e terraços são estreitos e descontínuos espacialmente⁴.



Figura 21: “Mares de Morros” (margem do Rio Doce na altura do Merengo).

A pedra do Escalvado

Sem dúvida, a pedra do Escalvado é o ponto mais conhecido da cidade, e deu origem a várias histórias e lendas. Alguns autores já fizeram descrições acerca de suas impressões sobre a região. Vejamos uma delas:

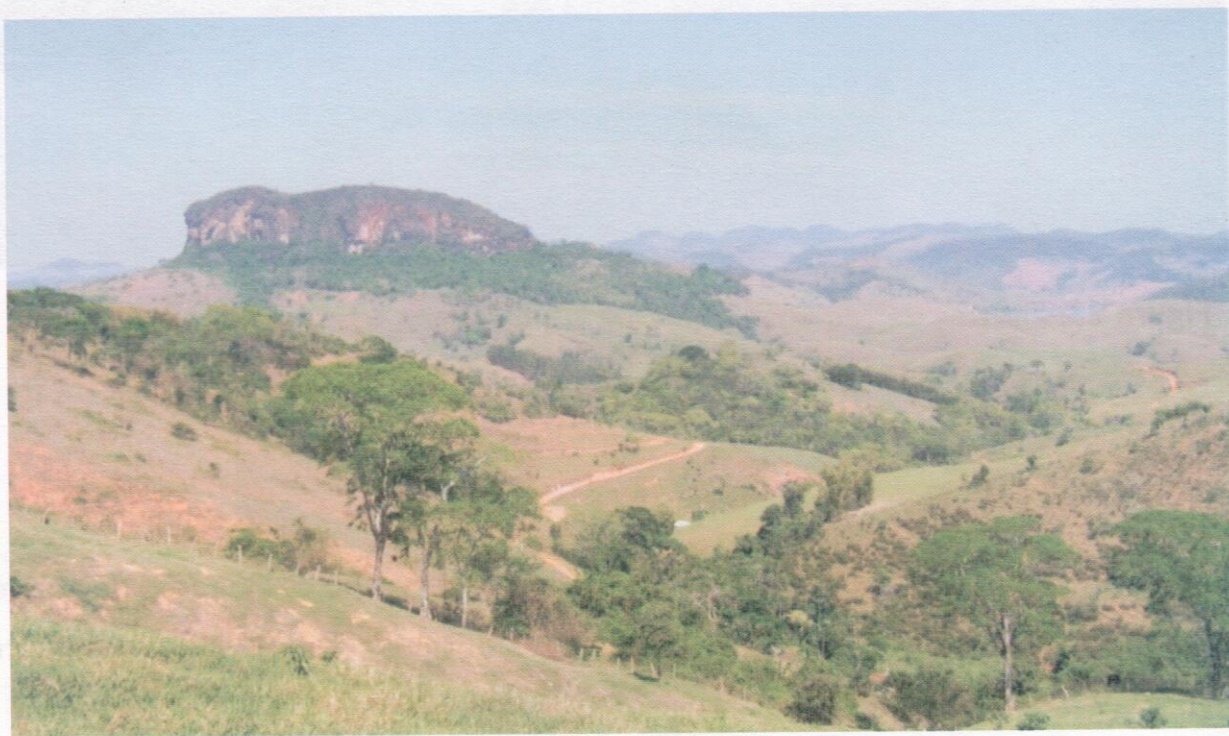
⁴ TORRES, Maria Bicalho Sette e TORRES, Enilda de Lana Sette. Histórias Mineiras: lembranças de Santa Cruz do Escalvado e arredores. V. I, 1ª edição, pp. 2-3.

⁴ ARO Arquitetos Associados Ltda. Op. cit., 2006.

“É uma enorme pedra, tanto em tamanho, quanto em circunferência, dando origem ao nome da nossa cidade. [...] Nossos antepassados contavam que dentro da pedra existiam onças e em cima dela uma mata cerrada. Também diziam que havia uma gruta e dentro dela uma areia branca que, se levada à boca, produzia gosto azedo. Até hoje ninguém procurou saber se aquela areia tem algum valor medicinal. De grande distância avista-se a Pedra. E de cima dela avistam-se Ponte Nova, Rio Doce, Santana do Deserto e outras cidades.

Alcançar o alto da pedra constituía um exercício de alpinismo. [Os rapazes] subiam sem muitos esforços, mas na descida eram ajudados pelos companheiros que ficavam segurando a corda para que chegassem são e salvos à terra.[...]

Agora já se planta roça em cima e em volta da Pedra e a água que descia dela já está secando. Mesmo assim, é um grande espetáculo ir até lá para admirar a pedra e lá do alto, sentir os pássaros cantando e apreciar a paz daquele lugar e o clivar dos carros de bois à distância”⁵.



⁵ TORRES, Maria Bicalho Sette e TORRES, Eneida de Lana Sette. *Histórias Mineiras: lembranças de Santa Cruz do Escalvado e cercanias*. V. 1, 1ª edição, pp. 2-3.



Figura 22 e 23: Pedra do Escalvado. Fotos: Acervo dos autores.

Conforme podemos perceber na descrição acima, já foram realizadas expedições de exploração da pedra do Escalvado. Alguns moradores contam que levavam cerca de duas horas para escalar até o cume da pedra, de onde possuíam uma privilegiada vista da região.



Figura 24: Subida à Pedra do Escalvado feita por alguns moradores na década de 1970. Em pé: Plínio, Hélio e Celso. Agachados: Quinquinho Barcelos, Sô Juca, Dengo, Ari, Zé Emílio.

A Hidrografia

Pertencente ao trecho superior da bacia do Rio Doce - que está localizada a sudeste do Estado de Minas Gerais, compreendendo uma área 715 milhões de km², o município conta com uma densa rede de drenagem onde se destacam os Rios Doce e Piranga (um dos formadores do Rio Doce), os ribeirões do Escalvado e do Gambá, e os córregos da Onça, da Oncinha e da Esperança, afluentes da margem direita do Rio Doce, e córrego São Tomé, afluente do Rio Piranga. Os cursos d'água que drenam o município têm as nascentes no mesmo Rio Piranga, nas divisas com os municípios de Ponte Nova, Urucânia, Piedade de Ponte Nova e Rio Casca, exceção feita apenas à cabeceira do córrego da Onça, situada no município de Piedade de Ponte Nova⁶.

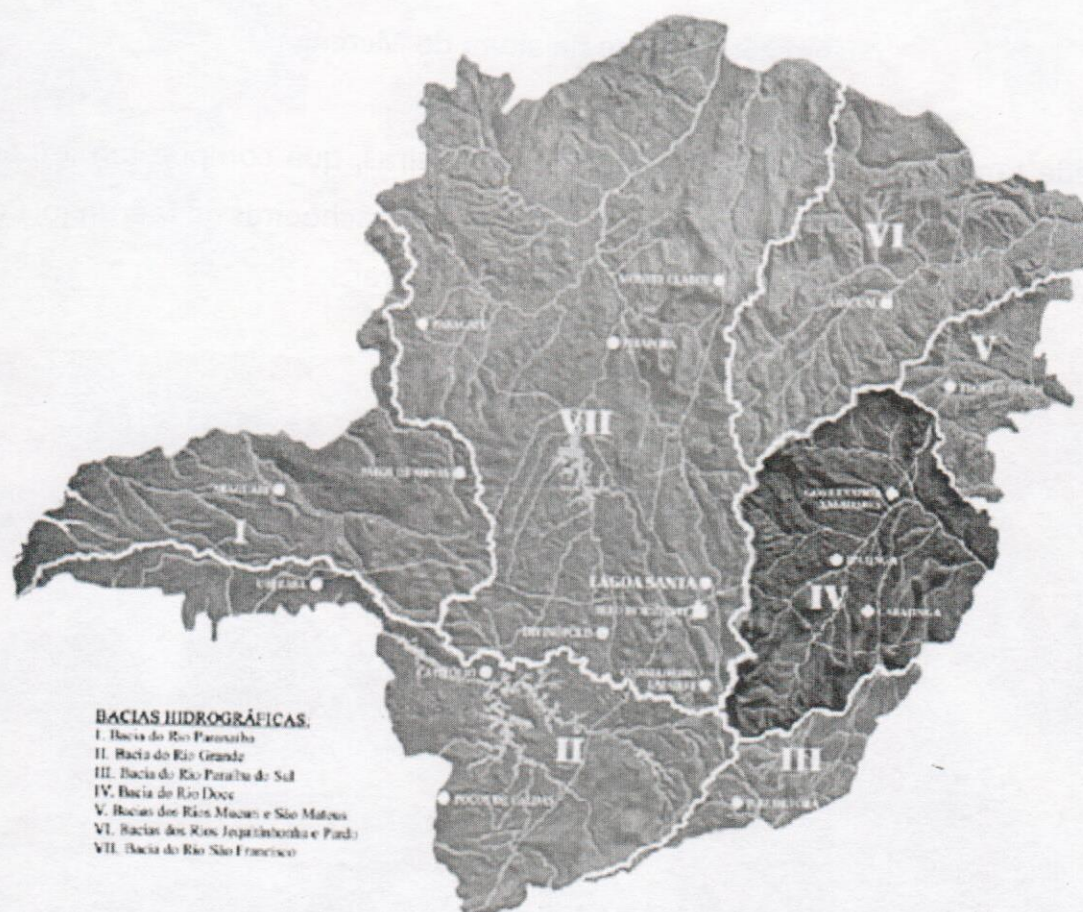


Figura 25: Bacias hidrográficas de Minas Gerais. Em destaque, a Bacia do Rio Doce.

⁶ ARO Arquitetos Associados Ltda. *Op. cit.*, 2006.



Figura 26: Rio Doce na altura do Merengo.

A cidade também possui um conjunto de cachoeiras, que compõe um importante patrimônio turístico para a região. Merecem destaque as cachoeiras do Merengo, Córrego do Gambá, Córrego da Esperança e Cachoeira dos Chaves.



Figura 27: Cachoeira do Merengo.

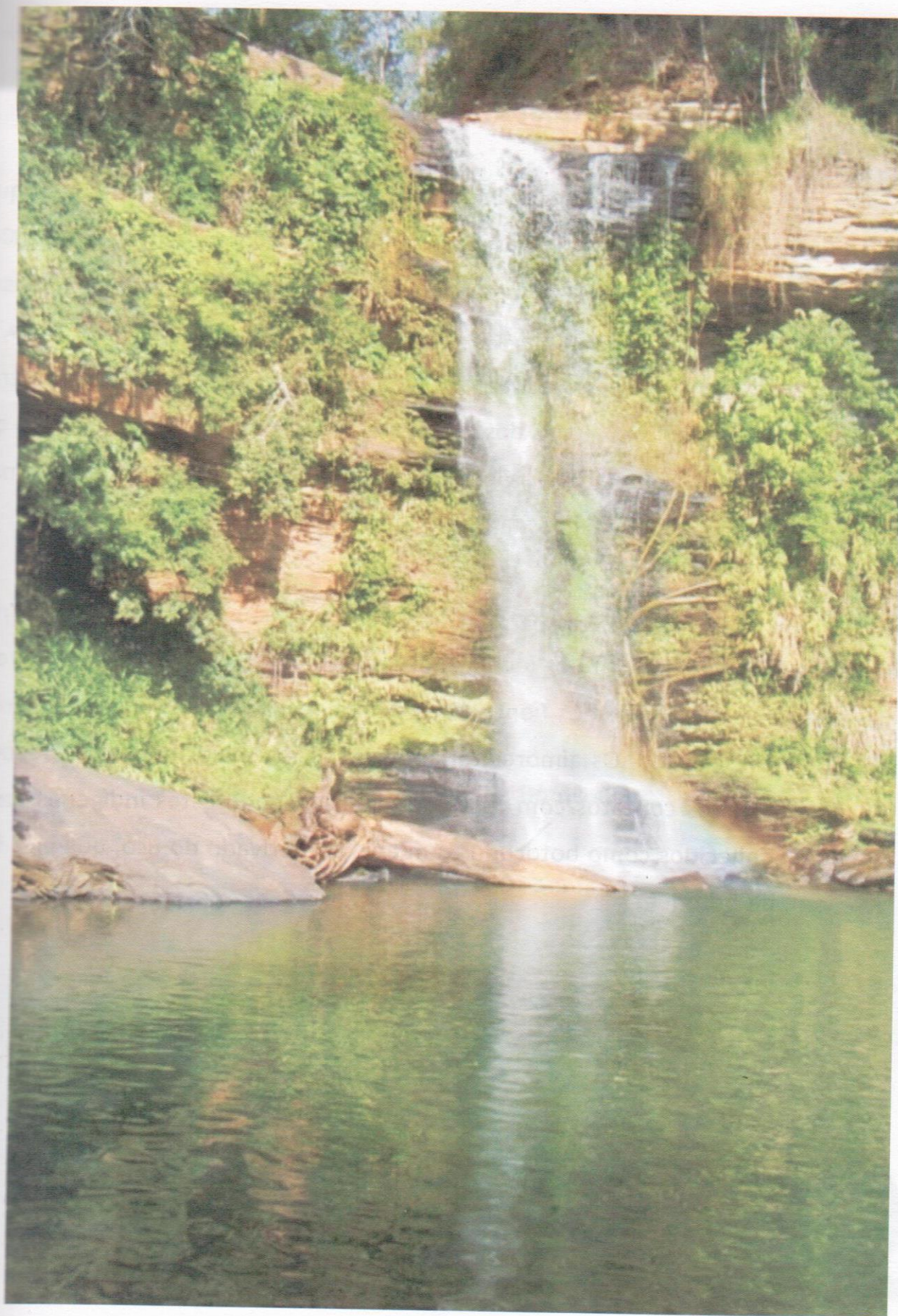


Figura 28: Cachoeira do Véu da noiva - Córrego do Gambá.

Capítulo 4:

A Ocupação da Região

Sabe-se muito pouco da origem de Santa Cruz do Escalvado. Infelizmente, os arquivos do município foram destruídos pelas graves enchentes ocorridas entre 2002 e 2004. O que foi possível levantar acerca da História da cidade está relacionado com pesquisas feitas nos arquivos da região e de outras cidades, como o Arquivo de Ponte Nova, a documentação pertencente à Igreja Matriz de Santa Cruz do Escalvado e também através de entrevistas feitas com alguns dos moradores mais antigos da cidade. Muito da memória sobre o município se deve às lembranças e histórias guardadas por estes moradores, testemunhas de muitos dos fatos que relataram.

Segundo a documentação acerca dos primeiros anos de povoação da região, foram certamente os índios aimorés e puris seus primeiros habitantes, onde hoje estão situados Ponte Nova e municípios vizinhos, inclusive Santa Cruz do Escalvado. Os aimorés teriam existido em maior número na época dos primeiros contatos com os colonizadores, sendo estes indígenas também conhecidos como botocudos, um apelido derivado do uso, que eles faziam, de botoques⁷.

⁷ Disponível em: <http://www.pontenet.com.br/pontenova/historia.html>. Acesso em: 06/12/2008.

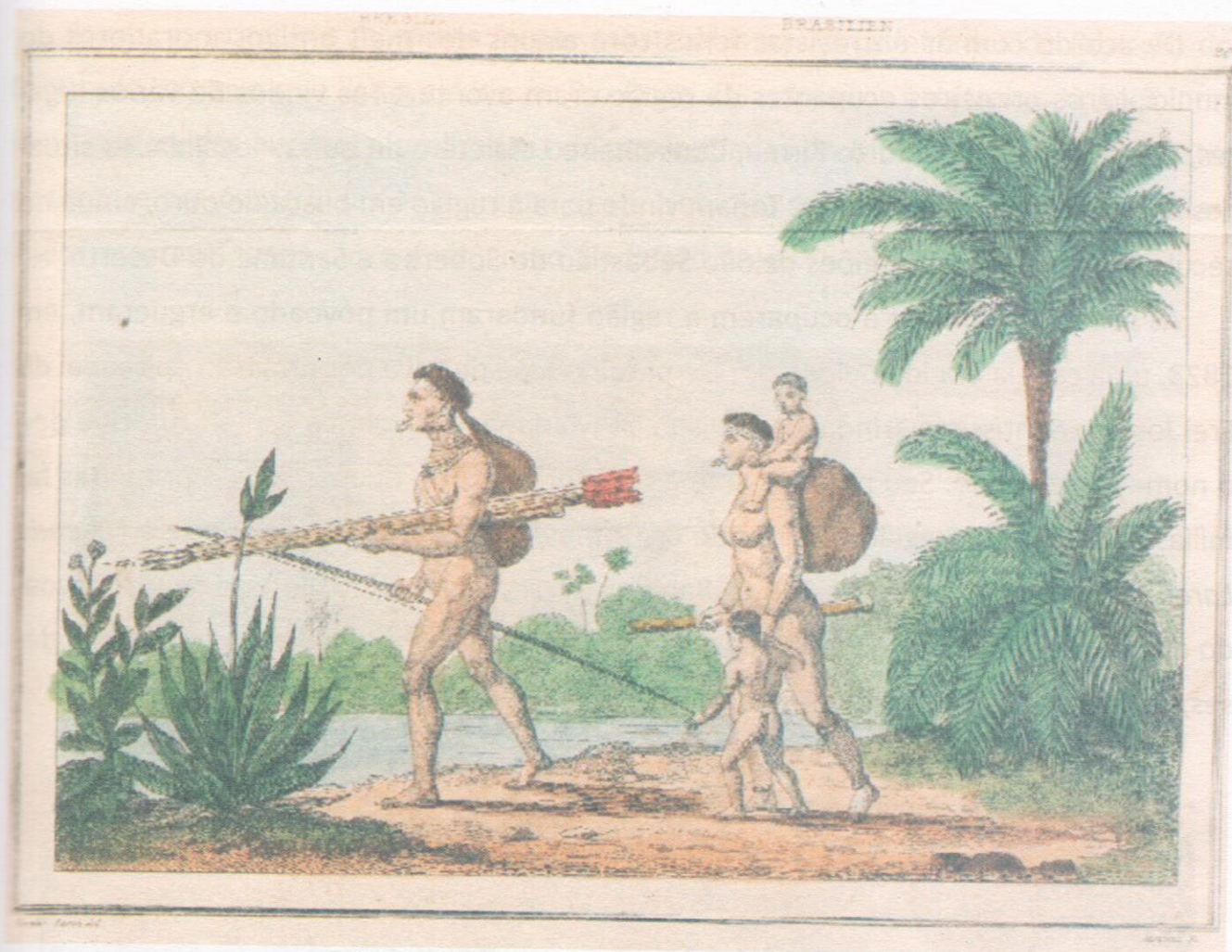


Figura 29: Família de Botocudos.



Figuras 30 e 31: Índios Botocudo e Puri.

De acordo com as entrevistas feitas com alguns dos mais antigos moradores do município, os primeiros ocupantes da região eram aventureiros vindos de vários lugares, principalmente de Porto Firme, Conselheiro Lafaiete e de outras localidades situadas na cabeceira do Rio Piranga. Teriam vindo para a região em busca de ouro, ainda no século XVIII, nas atuais regiões de São Sebastião do Soberbo e Santana do Deserto.

As primeiras famílias a ocuparem a região fundaram um povoado e ergueram, em 1823, uma capela erigida pelo Padre Bernardino José da Silva por provisão episcopal do Frei José da Santíssima Trindade, 4º bispo de Mariana, em honra à Santa Cruz, que deu o nome ao povoado. Seu primeiro nome foi Santa Cruz do Charneirão. As primeiras famílias residentes na região teriam sido os Gomes, da “Laranjeira” (referente à *Fazenda Laranjeira*, que existiu na região), os Barcelos Torres, do “Sertão” (nome de um povoado que ainda existe na mesma área) e os Lima, seguidas por alguns imigrantes holandeses, italianos, portugueses, espanhóis.



Figura 32: Colonos europeus na Zona da Mata.

Assim, as primeiras moradias foram construídas nas proximidades do Ribeirão do Escalvado, no eixo que liga a cidade ao Rio Doce. Os primeiros habitantes tinham interesse nas jazidas auríferas localizadas nas proximidades do Município. Por conta disto, as casas eram construídas às margens deste ribeirão, sem nenhum projeto, em filas, muito próximas umas das outras, como ainda são hoje.



Figura 33: Praça Cônego José Luciano, com arquitetura típica. Década de 1980.

Estas casas estão localizadas na rua principal da cidade, que recebe vários nomes ao longo de seu trajeto. Nas proximidades da Igreja da Matriz, recebe o nome de Rua Capitão Luiz Sette; na direção da Prefeitura, é denominada Rua Terezinha; prosseguindo, rua Três de Maio, e na direção do bairro Santo Antônio, rua homônima. Foi na Rua Capitão Luiz Sette em que, mais tarde, o comércio se desenvolveu e aconteceu o crescimento do centro urbano do Município. Outro eixo viário marcante na cidade, responsável pela ligação do Município com Ponte Nova e Belo Horizonte, é a rua Amaro Ribeiro Gomes, onde se destaca a ocupação residencial.

Posteriormente, em 1833, o povoado passou à categoria de “Capela Curada”. A princípio, pertenceu ao atual município de Barra Longa e, posteriormente, à Santana do Rio

do Peixe, atual Santana do Deserto. No ano de 1846, pela Lei nº 312, o povoado de Santa Cruz ganharia a categoria de distrito e, em 02 de Maio de 1856, pela Lei Mineira nº 768, foi criada a “Freguesia de Santa Cruz do Escalvado”. Santa Cruz passou a Distrito de Ponte Nova em 1888.



Figura 34: Vista geral de Santa Cruz do Escalvado - Década de 1920.

E por falar em Ponte Nova, até finais da década de 1940, Santa Cruz do Escalvado – na época considerado um vilarejo – esteve ligado à cidade de Ponte Nova. Dessa forma, percebemos que, ao falar da história da fundação de Santa Cruz do Escalvado, é necessário também citar um pouco da história de Ponte Nova que, em certos pontos, se relaciona com a história da colonização da cidade de Santa Cruz do Escalvado. Em 1857, A Lei Provincial Número 827, de 11 de junho de 1857, criava o município de Ponte Nova. Na lei de criação do município de Ponte Nova, Santa Cruz do Escalvado aparece citado como uma de suas freguesias:

“Carta de Lei, que eleva á cathegoria de villa a Freguezia da Ponte Nova, marca as respectivas divisas e contem outras disposições. O Doutor Joaquim Delfino Ribeiro An Luz, official da ordem da Rosa, vice-Presidente da Provincia de Minas Gerais: Faça saber todos aos seos habitantes que a Assembléa Legislativa provincial Decretou e eu Sanccionei a Lei seguinte:

Art. 1º.- Fica elevada á cathegoria de Villa A Freguezia da Ponte Nova, compreendendo o novo Município as Freguezias da Ponte Nova, Barra Longa, Santa Cruz do Escalvado, Barra do Bacalhau, São Sebastião do Pedra do Anta, Abre Campo, desmembrados do município de Mariana.

Art. 2º.- Os habitantes daquelle novo município obrigados a promptificar casa de Câmara e cadêa com as necessárias accomodações.

Art. 3º.- Logo que houver casa para as sessões da câmara do jury, será instalada a nova Villa.

Art. 4º.- Este Município fará parte da Comarca Piracicaba.

Art. 5º.- Ficarão revogadas as disposições em contrário”.

A emancipação política de Santa Cruz do Escalvado



Figura 35: Brasão Municipal - Santa Cruz do Escalvado.

Santa Cruz só seria elevada à condição de cidade a partir de seu desmembramento do município de Ponte Nova. A emancipação dar-se-ia pela lei estadual n°. 336, datada de 27 de dezembro de 1948.



Figura 36: Prefeitura de Santa Cruz do Escalvado. Foto: Amanda Fulgêncio.

Desde a emancipação, o município já foi administrado por 18 mandatos diferentes de prefeito. O primeiro prefeito foi empossado no ano de 1949. Na tabela abaixo, listamos os prefeitos que passaram pela prefeitura e o período de seus mandatos:

PREFEITOS	PERÍODO DO MANDATO
Geraldo Pinto Vieira	1949/1954
José Gomes de Souza	1955/1956
Hilário Fonseca	1956/1958
Antônio Pio Lima	1959/1962
Manuel Moreira de Oliveira	1963/1966
José Gomes Barreto	1967/1970
José Jalles da Silva	1971/1972
José Gomes Barreto	1973/1976
Dimas Silva Ferraz	1977/1982
José Ferraz	1983/1988
Luiz Cláudio Saraiva de Vasconcelos	1989/1992
Geraldo de Aquino Filho	1993/1996
Luis Cláudio Saraiva de Vasconcelos	1997/1999
Luis Cláudio Saraiva de Vasconcelos	de 31 de outubro a 31 de dezembro de 2000 / de 1º de janeiro de 2001 a 25 de abril de 2002
Geraldo de Aquino Filho	de 25 de abril a 14 de agosto de 2002 / de 16 de dezembro de 2002 a 31 de dezembro de 2004
Geraldo de Aquino Filho	2005/2008
Gilmar de Paula Lima	2009-

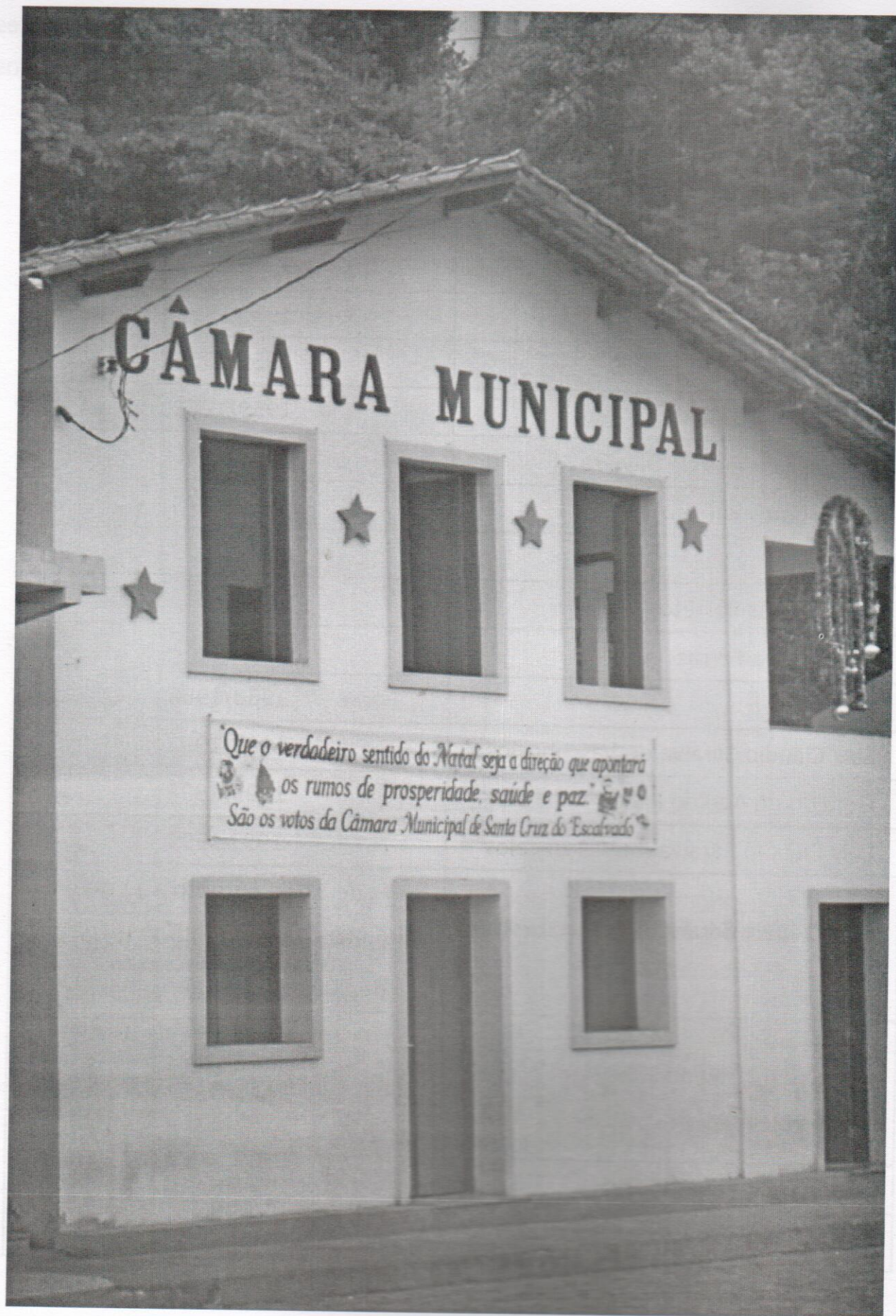


Figura 37: Câmara Municipal de Santa Cruz do Escalvado. Foto: Acervo dos autores.

Capítulo 5:

As Nossas Fazendas

Por toda a tradição agropecuária e seu papel na economia e no desenvolvimento de Santa Cruz do Escalvado, a presença de fazendas se tornou uma característica bastante constante no município. Algumas famílias acabaram por influenciar na construção das fazendas pertencentes à cidade e que resistiram à ação do tempo:

“Naqueles tempos, tanto em Santa Cruz quanto em outras cidades do interior mineiro, certas famílias ocupavam lugar de destaque, quer por suas origens, seus teres e haveres e até por liderança política. A FAMÍLIA SETTE era assim em nossa terra [...] Não aconteceu diferente com um membro da FAMILIA CANDIDO (o prenome não nos vem à memória, agora)”¹.

Outro exemplo é a Família Fadel, inicialmente representada por Dona Maria da Penha Carvalho Fadel e, posteriormente, por Seu Irineu, que construíram no ano de 1849 a sede da Fazenda do Charneirão. Supõem-se, de acordo com os levantamentos feitos por alguns estudiosos, que esta antiga fazenda tenha dado origem à sede do município. No ano de 2006, foi realizado um estudo acerca das estruturas arquitetônicas e urbanas da cidade, incluindo o estudo sobre as fazendas.

“A construção revela linguagem influenciada pelo estilo colonial e apresenta algumas intervenções de acréscimo, manutenção e de substituição. É composta de dois pisos, e seu partido é em “L”. Situa-se em terreno de baixa declividade, possuindo o primeiro piso alinhado no nível do terreno. O primeiro piso comporta dois quartos, uma sala de estar, uma cozinha e uma garagem, unida ao terreno por uma pequena rampa cimentada. O segundo piso comporta mais quartos, uma sala e outra cozinha. As paredes são compostas

¹ *Idem.*

de alvenaria estrutural de tijolos maciços cerâmicos e telhado com coroamento em telhas cerâmicas tipo capa-e-bica em quatro águas, com guarda-pó em madeira.

O forro do primeiro piso é feito de laje pré-moldada, enquanto que o forro do segundo piso é em madeira pintada na cor azul, com pequenos frisos paralelos. O forro das duas cozinhas é em telha vã, com detalhe para uma pequena chaminé que parte delas. Internamente apresenta piso original em taco, com exceção das cozinhas e das varandas, onde é em cimento queimado. O piso da garagem é em cimento bruto.

Os vãos, em verga reta, abrigam janelas em madeira com duas folhas cegas de abrir para dentro. Nos banheiros as esquadrias são feitas dos mesmos materiais, porém do tipo basculante. As portas são em uma folha cega de abrir em madeira”².



Figura 38: Fazenda Charneção.

²ARO Arquitetos Associados. Op. cit., 2006.

Outro exemplo marcante é a Fazenda Esperança, sendo que seu engenho é datado aproximadamente de 1910. A Fazenda Esperança localiza-se nas proximidades do distrito Zito Soares, e remonta há mais de um século de história da região.



Figura 39: Fazenda Esperança.

Erigida pela família Ferraz, mais especificamente por seu primeiro dono, Joaquim Dias Ferraz, a Fazenda sempre se ocupou da criação de gado e do plantio e moagem da cana de açúcar, para a fabricação de aguardente, açúcar mascavo e rapadura³.

³ *Idem.*



Figura 40: No detalhe, peças que contam a história da Fazenda Esperança - máquina de costura, telha feita por escravos datada de 1882, castiçal, lamparina, lampião, balança...

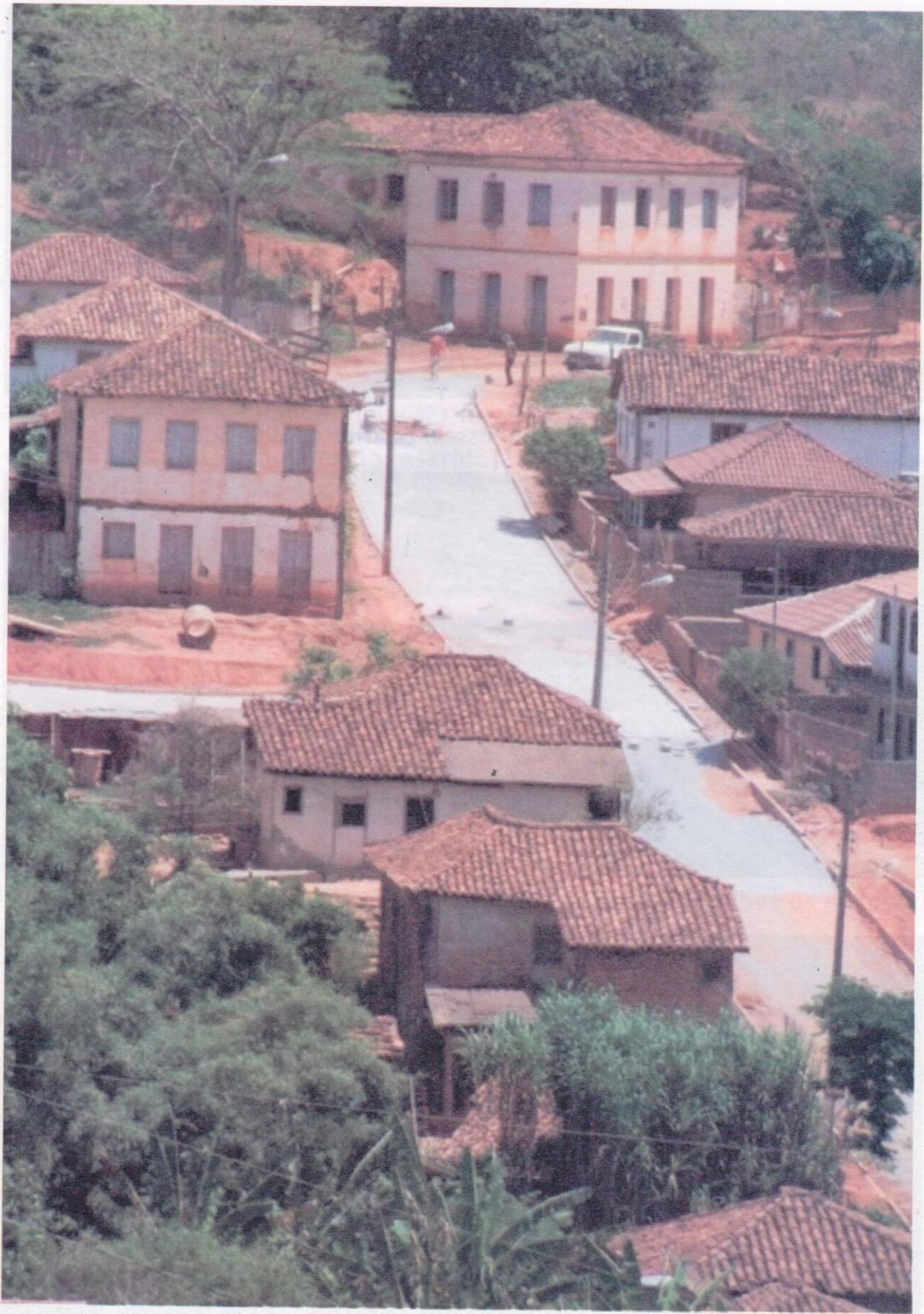


Figura 41: Distrito Zito Soares, região onde se localizam algumas fazendas históricas de Santa Cruz do Escalvado.



Figura 42: Fazenda das Posses, Distrito de Zito Soares.



Figura 43: Fazenda Córrego da Onça.



Figura 44: Fazenda da Vargem, São José da Vargem Alegre, uma das produtoras de cachaça na região.

Capítulo 6:

Patrimônio Artístico, Cultural e Memória

A riqueza do patrimônio artístico de uma cidade deve ser compreendida pela variedade de suas experiências. Todo tipo de ação ou intervenção feita pelo homem num espaço é considerado História. Ao medirmos o valor cultural ou artístico de um determinado objeto, precisamos ter cuidado para não usarmos juízo de valor. A riqueza dos objetos históricos não pode ser percebida apenas através de suas aparências, mas também deve ser levada em consideração sua importância para o grupo social no qual estão inseridos. Santa Cruz do Escalvado possui inúmeras riquezas em seu patrimônio, como imóveis, estradas, tradições religiosas e práticas do cotidiano, objetos de uso pessoal ou coletivo, histórias de seus antepassados, enfim, todo um conjunto de bens materiais e imateriais que, somados, compõem a variedade cultural do município e explicam sua especificidade. Numa pesquisa histórica deste tipo, nunca será possível darmos conta de todos os bens culturais existentes. Nosso objetivo, aqui, foi o de elencar alguns destes elementos que julgamos importantes para entender o processo de desenvolvimento histórico da cidade. Assim, este é um trabalho que não se encerra em si mesmo. Cabe a todos nós descobrir, a cada olhar, as riquezas deste patrimônio que se encontram ocultas ou não, aprendendo a valorizar nos menores detalhes os elementos que constroem esta história.

Apesar de relativamente novo, o município possui diversos elementos que contribuem para a preservação de sua memória, como elementos arquitetônicos ou culturais, que colaboram para a preservação das origens da cidade. Diversos elementos se tornaram importantes ao longo da História de Santa Cruz. Dessa forma, como já vimos, a fundação do município está diretamente relacionada com a existência do morro do Cruzeiro e, também, com a Capela de Santo Antônio. De acordo com a tradição local, a existência do Cruzeiro significou o início do povoamento da cidade. Posteriormente, com a construção de uma estrada que ligaria o local onde hoje se encontra a Praça Cônego José Luciano à Ponte Nova, o povoamento seria deslocado para o atual centro da cidade.

Além da presença do Cruzeiro, como símbolo do povoamento na região e exemplo da devoção religiosa de sua população, e da Capela de Santo Antônio, outros elementos acabaram por merecer destaque no decorrer da história do município. É através da junção dos elementos presentes nestes símbolos que se encontra a própria origem do nome da cidade.

Origens do nome “Santa Cruz do Escalvado”

Como citam as autoras Maria Bicalho e Eneida Torres, o nome do município não é apenas um substantivo escolhido aleatoriamente para nomear a cidade. Pelo contrário, Santa Cruz do Escalvado é um nome digno de respeito, e que merece ser um nome para o município.

“A Cidade em que nascemos tem um nome pomposo: Santa Cruz do Escalvado [...] Nela, como na grande maioria das cidades do interior, o progresso chega lentamente, por falta de incentivo do governo e de interesses dos setores produtivos privados de lá se fixarem e gerarem empregos. A cidade só tem uma rua, que começa nas Mercês e acaba no patrimônio de Santo Antonio, ou vice-versa, dependendo do lado que você chega”⁴.

Assim como ocorreu em vários espaços do Brasil, fruto de uma colonização portuguesa permeada pela devoção cristã, e que acabou por influenciar na escolha de nomes sacros para nomear rios, vilas e acidentes geográficos, Santa Cruz do Escalvado também vivenciou forte influência religiosa desde o período inicial de seu povoamento. E a explicação para esta intensa religiosidade está, entre outros exemplos, na Cruz presente no morro do cruzeiro da cidade. Tal fato se deve à presença de três missionários redentoristas que se instalaram na região. Os missionários colocaram um cruzeiro de madeira no ponto mais alto do distrito, que só seria substituído pelo atual, construído entre os anos de 1957 e 1958, num terreno que ainda pertencia à igreja. Desse modo, a

⁴ TORRES, Maria Bicalho Sette e TORRES, Eneida de Lana Sette. *Op-cit.* pp. 1-2.

Cruz acabou por ser marcada como símbolo de uma tradição religiosa, nomeando-a como padroeira da cidade, além de estar inserida no nome do município, desde quando este ainda era freguesia de Ponte Nova, no século XIX. A cruz recebeu um tratamento especial, dando nome ao município, pois a primeira capela existente foi a de Santa Cruz, a Padroeira local.



Figura 45: Cruzeiro de Santa Cruz do Escalvado/MG. Vista do Cruzeiro a partir da trilha de acesso. Fotógrafa: Ana Paula Costa – Fevereiro/2008.

Com relação à denominação de Escalvado, a explicação mais aceita é de que o nome se deve a uma grande pedra que se situa a cerca de quatro quilômetros da cidade, com aproximadamente 200 metros de altura e pouca vegetação, ou seja, *escalvada*, que não tem vegetação, árida. Assim, o nome da cidade diz respeito à junção da religiosidade presente na região desde o início de sua colonização – com a fundação de uma Capela – com a importância da presença na cidade de um símbolo natural - a Pedra do Escalvado.

A Igreja de Santo Antônio



Figura 46: Capela de Santo Antônio. Acervo ARO ARQUITETOS. 2006.

Como já dito anteriormente, a Igreja de Santo Antônio é considerada um dos fortes elementos que marcaram a história de Santa Cruz do Escalvado. Situada à rua de mesmo nome, encontra-se alteada em relação à rua. Acredita-se que a Igreja de Santo Antônio foi construída no período inicial da formação de Santa Cruz do Escalvado, durante a segunda metade do século XIX. Todas as anotações da Paróquia de Santa Cruz do Escalvado, anteriores ao ano de 1936, foram destruídas por uma enchente que atingiu a cidade quando a casa paroquial ainda se localizava na rua Capitão Luiz Sette.

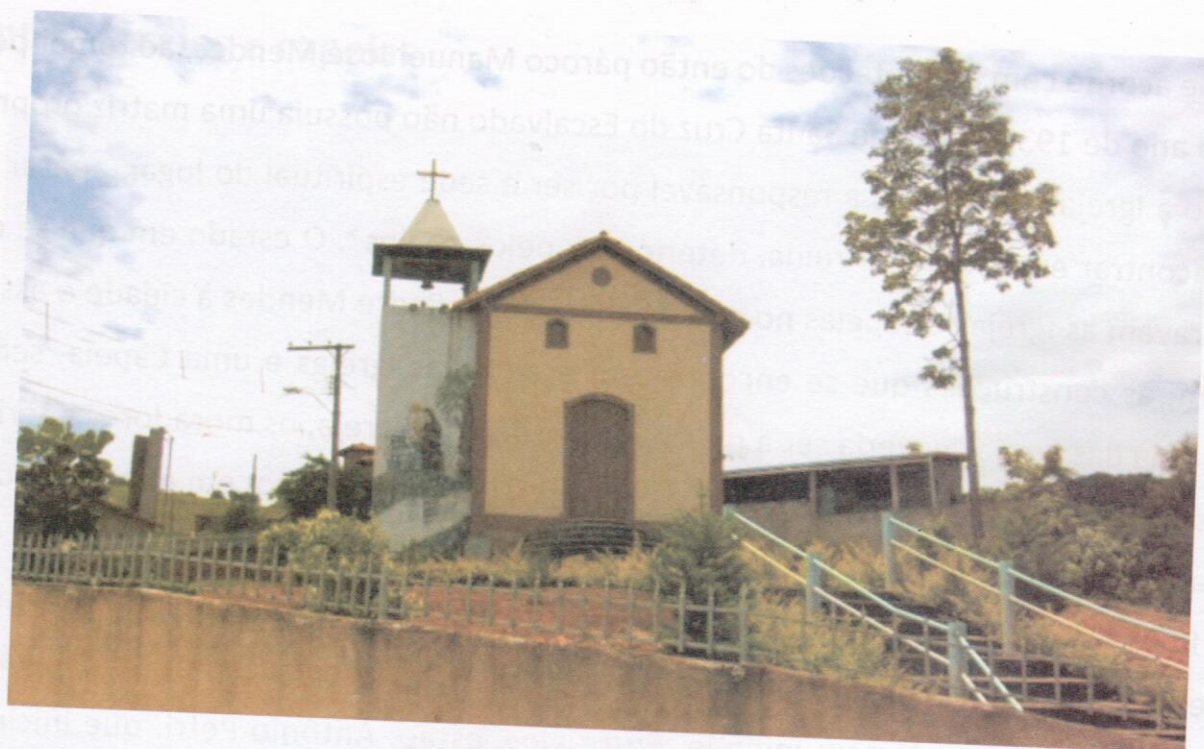


Figura 47: Capela de Santo Antônio.

A Igreja Matriz de Santa Cruz do Escalvado



Figura 48: Igreja Matriz.

A Igreja Matriz de Santa Cruz do Escalvado está situada na praça central da cidade, Praça Cônego José Luciano. Teve sua construção iniciada em 1925, levando mais de cinquenta anos para sua conclusão, segundo conta o Livro de Tombo da própria Paróquia.

De acordo com as anotações do então pároco Manuel José Mendes, ao tomar posse no ano de 1936, a vila de Santa Cruz do Escalvado não possuía uma matriz própria, sendo a Igreja das Mercês a responsável por ser a sede espiritual do lugar, apesar de se encontrar em estado de ruína, deteriorada pelos cupins⁵. O estado em que se encontravam as Igrejas e capelas no ano da chegada do Padre Mendes à cidade o assustaram: as construções que se encontravam eram duas Igrejas e uma Capela, sendo que uma das Igrejas deveria ser a matriz. Quanto a essa Igreja, os moradores a teriam construído em anos anteriores sobre um abismo. Por esse motivo, em épocas de chuva, a Igreja frequentemente sofria fortes danos por causa das enxurradas.

Padre José Luciano foi o primeiro pároco da cidade de Santa Cruz, tendo mantido essa função por mais de cinquenta anos. Durante a construção da Igreja, vários párocos passaram pela comunidade. Entre eles, estão: Antônio Petri, que iniciou a construção da Igreja; Manoel Mendes, que fez a sacristia; José Anísio, que realizou melhoramentos na Igreja, como ladrilhamento, limpeza das paredes e envidraçamento do batistério; Francisco Xavier Gomes, que foi o padre de maior participação na construção da Igreja. Durante seu período como vigário de Santa Cruz, foram construídos a torre em concreto armado, os três altares e o púlpito antes existente, além do passeio em volta da edificação. Foram feitas modificações na fachada: engradamento do telhado, banhados a óleo nas paredes, além da compra de bancos, da pintura a óleo no fundo do altar-mor (1944), da colocação do relógio na fachada principal doado pela família Lima (1955) e da benção do novo sino, fundido com material do anterior, nomeado de São Miguel (1948). Apesar de todo o empenho para a sua construção e das sucessivas melhorias implementadas pelos religiosos que por lá passaram, a Igreja Matriz de Santa Cruz do Escalvado nunca teve uma celebração oficial de inauguração.

⁵ Livro de tomo da Igreja Matriz de Santa Cruz do Escalvado, n1 e n2.

Outras igrejas e capelas



Figura 49: Igreja na localidade de São José da Vargem Alegre. Foto: Acervo dos Autores.

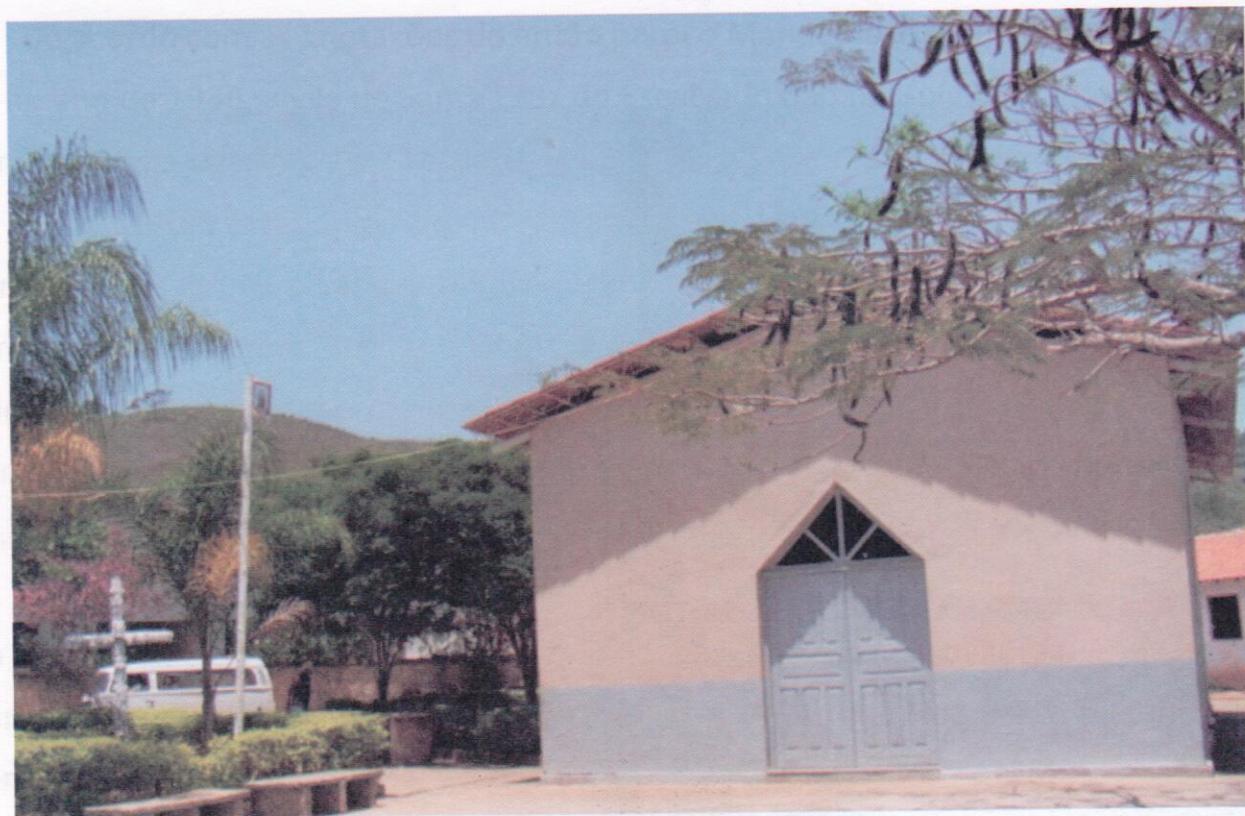


Figura 50: Igreja do Merengo. Foto: Acervo dos Autores.



Figura 51: Igreja na localidade de Zito Soares.



Figura 52: Igreja de Nossa Senhora das Mercês.

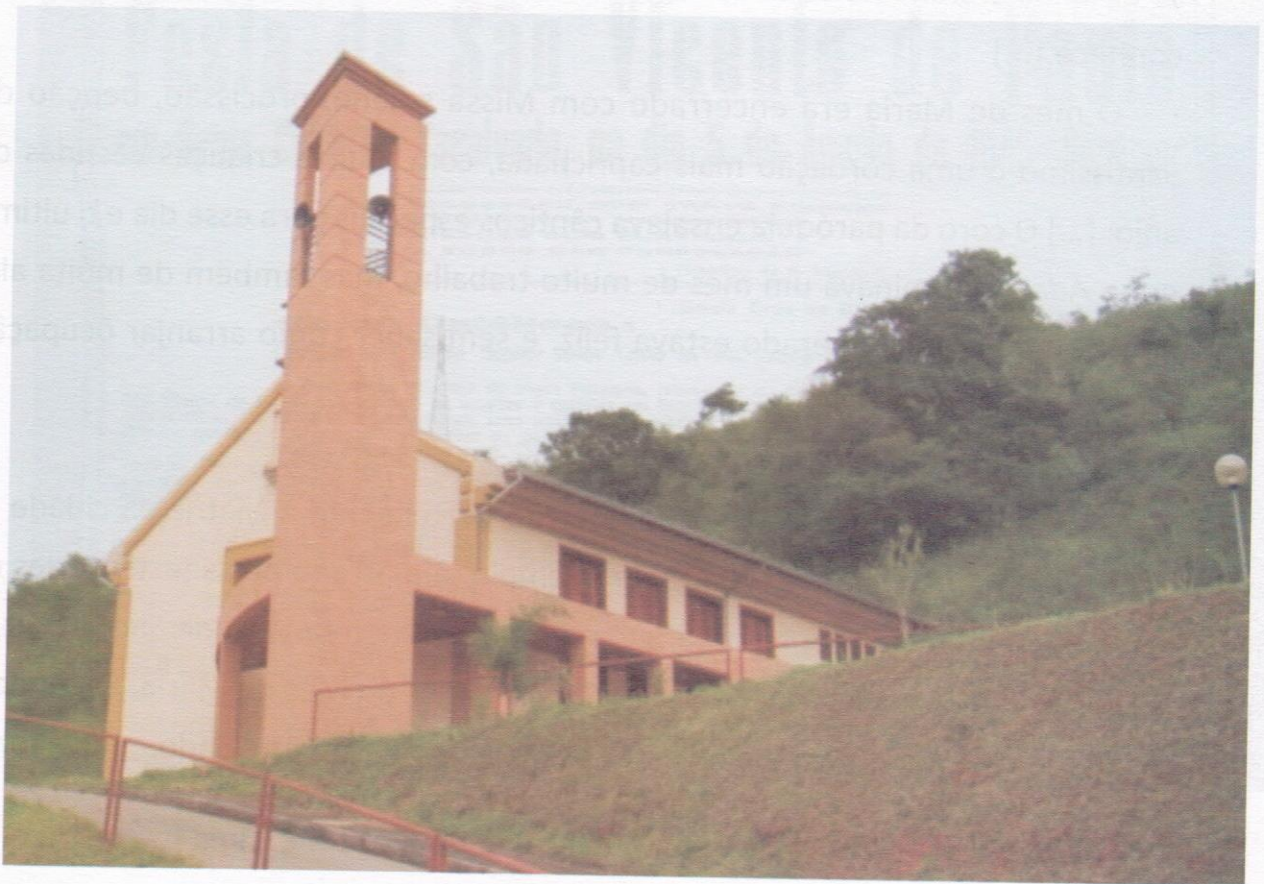


Figura 53: Igreja na localidade do Novo Soberbo.

As festas típicas de Santa Cruz do Escalvado

A forte tradição religiosa de Santa Cruz do Escalvado também se fará presente nas principais festas e celebrações ocorridas na cidade. Assim, ganham destaque as comemorações de datas religiosas, como o mês dedicado à Virgem Maria, a festa do Divino Espírito Santo, o Congado e as festividades ligadas ao Natal. O mês de Maria, sem dúvida, é um dos que recebem maior destaque, tanto no relato das autoras abaixo citado, quanto nos depoimentos colhidos dos moradores e religiosos:

“No mês de maio, homenageava-se a Nossa Senhora com recitação do terço, benção do Santíssimo e coroação. De segunda a sexta-feira, coroavam as meninas pobres. Os sábados e os domingos eram destinados às filhas das famílias ricas, que se vestiam melhor e davam espetáculos maiores. A coroação de Nossa Senhora era feita a três mãos: a que coroava, a que colocava o véu e a que ofertava a palma. Quando a coroa repousava na cabeça da Imagem, repicavam-se os sinos e eram soltados os foguetes de vara, que a mocidade de hoje nem conhece.[...]

O mês de Maria era encerrado com Missa solene, procissão, benção do Santíssimo e uma coroação mais caprichada, com muitas crianças vestidas de anjo. [...] O coro da paróquia ensaiava cânticos especiais para esse dia e o último era o *Adeus*. Terminava um mês de muito trabalho, mas também de muita alegria. Quem havia cooperado estava feliz, e sem saber como arranjar ocupação para o mês de Julho”⁶.

Uma das mais citadas festas na documentação pertencente à Matriz da cidade se refere ao mês de Maria. O ano de 1942, por exemplo, é marcado pelas festividades do mês de maio. Com o apoio e boa vontade da população da freguesia de Santa Cruz, o pároco José Elnísio Chaves conseguiu fazer as festividades do Mês de Maria. Segundo o próprio padre, as festividades foram organizadas pela população da cidade, tendo como

⁶ TORRES, Maria Bicalho Sette e TORRES, Eneida de Lana Sette. *Op. cit.*, 1997, pp. 6-7.

destaque a Dona Georgeta – responsável pela “cantoria”, e Dona Maria Auxiliadora, que fora uma das harmonistas. Além disso, todas as noites a banda de música tocava nas procissões, juntamente com o coral das meninas do Apostolado da Oração.

Outro ano que também foi marcante para a memória dos moradores da cidade em relação ao mês de Maria, foi o ano de 1956. O então padre J. Feliciano organizou uma comissão que seria responsável pela estrutura das festas, das quais participariam as capelas filiais e também as comunidades mais afastadas de Santa Cruz. Na Matriz, de segunda à quinta-feira, a coroação era feita pelas meninas da cidade. Nos sábados, a coroação ficava reservada às meninas que moravam em outros distritos da cidade. O mês de maio nesse ano foi marcado, segundo o próprio padre Feliciano, como um mês no qual os moradores se engajaram com muita boa vontade e piedade.

Além do mês de Maria, outras festas também fizeram ou até hoje fazem parte da história da cidade, como a festa de São Vicente de Paulo, de São Sebastião, da Padroeira, entre outras.

Festa de São Vicente de Paulo
em Santa Cruz do Escalvado, no dia 5 de Agosto de 1945, Domingo

"SOCORREU COM TANTA PIEDADE OS MALES DA HUMANIDADE, E SOUBE COM SUAVIDADE A TODOS DAR CONSOLAÇÃO"
(Cântico de S. Vicente)

Santa Cruz do Escalvado, 19 de Julho de 1945.

Caros Católicos:
Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo na sua infinita caridade!

A Conferência Vicentina de nossa Paróquia, reinstalada no dia 29 de Junho passado, realizará, em honra de São Vicente de Paulo, uma cruzada de orações e esmolas em benefício de seus pobres. Com esta Santa Cruzada que teve origem no espírito religioso e patriótico de seus membros, a nossa Conferência prestará a melhor homenagem ao seu celeste Patrono que veio à terra para "evangelizar os pobres".

Vede, caros católicos de S. Cruz, como é belo e nobre o gesto daquele que socorre o pobre! Criaturas e filhos de Deus somos todos nós; e Deus, nosso Criador e nosso Pai, segundo disse o Santo Profeta Davi, é o "auxiliador e o protetor do pobre". Discípulos de Jesus Cristo, temos de ouvir o melhor e maior de todos os mestres que fala a cada um de nós desde o dia do nosso Batismo: "ama a teu próximo como a ti mesmo". Seguidores da Religião verdadeira, devemos guardar a palavra categórica de São Tiago que dizia aos cristãos do seu tempo: "a Religião pura e imaculada diante de Deus e do Pai é esta—visitar os orfãos e viúvas na sua tribulação".—Também, meus bons amigos, vivemos em sociedade, somos membros da coletividade humana. Temos, por isso, o dever social de nos interessarmos pelos nossos semelhantes que, por este ou aquele motivo, foram menos favorecidos e lutam com dificuldades para terem aquilo que lhes é absolutamente necessário. Assim, como cristãos e como brasileiros, pela Religião e pela Pátria, devemos dar o nosso apoio à **Questão social** que, em tão boa hora, a Conferência Vicentina vem ajudar a resolver em nossa Terra de Santa Cruz do Escalvado. Somente, com justiça e caridade é que pode ser resolvida esta importante e palpitante Questão. Justiça e caridade que apenas o Cristianismo prega e dá, porque unicamente o Cristianismo é que salu de Deus, e de Deus é que promanam todos os bens. Justiça e caridade que o Comunismo prega e não dá, porquanto o Comunismo é obra de homens mãos que combatem o mesmo Deus e os invioláveis direitos da pessoa humana que, além dos destinos terrestres—aliás secundários,—tem de atingir os destinos eternos para os quais foi criada.

Assim, caro povo de S. Cruz, apresento-vos a pretensão da nossa e vossa Conferência. Em nome de Deus, em nome de S. Vicente de Paulo, em nome dos pobres de S. Cruz, em nome dos Condrades vicentinos e, finalmente, em meu pobre nome, peço-vos, para o dia da Festa, uma esmola, em dinheiro, mantimento ou criação.

Esperando o vosso apoio e enviando-vos uma bênção.

Sr. José Antonio Soares

Figura 54: Festa de São Vicente de Paulo, ocorrida em 1945.

Acervo: Matriz de Santa Cruz do Escalvado.

Festa de S. Sebastião

Com duas Santas Missas, com uma solene Procissão e com a Bênção do Santíssimo Sacramento, será comemorado o dia 20 de Janeiro consagrado a S. Sebastião. Este glorioso Martir, sempre amigo dos seus devotos, prontamente nos socorre com a sua poderosa assistência, sobretudo nos flagelos da "peste, fome e guerra". Façamos-lhe, pois, uma Festa digna, conforme a Igreja quer e a nossa Fé nos ensina. E esta Festa, melhor até á maneira de ver do próprio S. Sebastião, será a nossa orientação cristã na vida, fiéis aos nossos deveres para com Deus. Que S. Sebastião nos converta em verdadeiros cristãos!

O povo de S. Cruz, ao ensejo da Festa de S. Sebastião, vai emprestar o seu apoio para a reorganização da BANDA DE MÚSICA. É um melhoramento que os bons filhos desta terra devem conservar para honra e gloria do logar em que nasceram. Peço a boa vontade de todos no sentido de apresentarem aos Senhores Músicos uma eficiente colaboração.

Para este fim, além de suas orações — melhor contribuição que ela tem — a Igreja oferece o saldo da Festa de S. Sebastião de 1946. Que a mesma boa vontade seja demonstrada pelas pessoas patriotas de S. Cruz, boa vontade para a qual aponto e apelo, como já o fiz no altar.

No dia 20 de Janeiro, será realizado um teatro em prol do futuro "SALÃO PAROQUIAL". Senhoritas, moços e crianças desta Paróquia mostrarão o seu abnegado esforço nas representações que vão fazer. Serão levadas no palco as peças "HONRARÁS PAI E MÃE", de personagens masculinas, e "PROGRESSO FEMININO", de moças.

Convido o povo afim de apoiar este movimento que tenciona contribuir com a diversão honesta para a população local.

S. Cruz do Escalvado, 10 de Janeiro de 1946.

Se. José Anísio Chaves

Figura 55: Festa em homenagem a São Sebastião, 1946.

Outros exemplos das festas que aconteciam na cidade durante o ano são citados pelas autoras Maria Bicalho e Eneida Torres, que relembram as práticas familiares que, entre muitas famílias, tinham ligação com a celebração da festa:

"CONSOADA"

"Véspera de Natal. Comemorava-se o Natal no dia 24, terminando com a Missa do Galo, à meia-noite. O dia 24 era de jejum e abstinência de carne, mas os apreciadores transgrediam no que diz respeito a jejum. Só ficavam dispensadas as crianças com menos de 7 anos e os adultos, após os 65 anos. [...] Pessoas de poucos recursos começa-

vam e economizar desde janeiro para a grande Consoada. Em outubro compravam o açúcar mascavo, que a nossa avó Maria levava ao fogo, em grandes tachos, para refinar. Ela começava por curtir frutas [...]. Cristalizava parte delas [...] A maior parte era conservada em caldas. [...] À noite, vinha a Missa do Galo, com a Igreja cheia de gente. A maioria dormia, chegando a risonar, não por sono, mas por cansaço, excesso de comida ou pelas emoções de reencontros familiares. Natal naquela época era diferente. Não havia comercialização, nem bebedeiras. Era uma comemoração pura, singela e de religiosidade profunda”⁷.

“CONGADO”

“Dia 24 de setembro. Era a data dedicada a Nossa Senhora das Mercês. Os que moravam perto da capela tinham também sua tradição. Se os da capela de Santo Antônio apresentavam o Bumba-meu-boi, o povo das Mercês encenava a dança do Congado ou da Folia. [...] Pena que não tiveram fibra para preservar aquele festejo folclórico [...] Nós nos divertíamos durante e após os festejos: é o que o Virgílio passava a usar a camisa do Congado e ela era manchada de todas as cores, devido ao contato com o reco-reco e com seus adornos”⁸



Figura 56: Festa do Divino. Procissão no centro da cidade, 1948.

⁷ TORRES, Maria Bicalho Sette e TORRES, Eneida de Lana Sette. *Op.cit.*, 1997, pp.7-8.

⁸ *Idem*, pp. 19-20.



Figura 57: Festa do Divino, 1948.

Além das festividades religiosas, a cidade também comemorava as datas cívicas. Como se pode visualizar nesta foto abaixo, que retrata os desfiles comemorativos do dia da Independência:





Figuras 58, 59 e 60: Desfile do 7 de setembro. Década de 1970. Fotos: Acervo da Prefeitura.

A Banda União Três de Maio e a Filarmônica Santa Cruz do Escalvado

Santa Cruz do Escalvado é também uma cidade marcada pela música. Entre as tradições musicais da cidade destaca-se a Filarmônica de Santa Cruz do Escalvado. A história da Filarmônica remonta à década de 1940, época em que inicia os seus trabalhos. Longos anos se passaram entre tropeços e sucessos, momentos de paz e turbulências, que deram início à Banda União Três de Maio. De acordo com os relatos de alguns moradores mais antigos da cidade, por muitos anos esta banda tocou e encantou nossa cidade e região.



Figura 61: Banda União Três de Maio.

Em meados de 1966, foi extinta a Banda União Três de Maio. Porém, havia deixado uma semente plantada que, anos mais tarde, fecundaria, dando início, no ano de 1989, à Filarmônica Santa Cruz do Escalvado. Atualmente, a Filarmônica conta com cerca de setenta integrantes, entre jovens e adolescentes, aprendendo música e trabalhando a cidadania, num projeto pioneiro onde as aulas são ministradas gratuitamente, já que a entidade é de utilidade pública, sem fins lucrativos, recebendo verbas e doações do Município, Estado e Comunidade.

Ao longo de sua trajetória, a Filarmônica Santa Cruz do Escalvado tem marcado presença em vários eventos musicais, além de participar de vários encontros de bandas na Zona da Mata Mineira. Também integra o Circuito Minas Rio Espírito Santo de Bandas de Música, levando o nome de Santa Cruz do Escalvado a todos os locais por onde a banda passa. O projeto social da Filarmônica Santa Cruz do Escalvado também tem colaborado para introduzir alguns dos seus alunos nos grandes palcos e grandes orquestras do país.



Figura 62: Filarmônica Santa Cruz do Escalvado em uma de suas apresentações.

Dentre tantos músicos que passaram por esta história, dois músicos do passado e do presente merecem especial atenção pela incansável colaboração à Filarmônica: Senhor Zizinho, amante da música, e o Senhor João de Gil, que tem atuado ao longo dos anos como membro ativo e participante da Filarmônica, regida hoje pelo maestro Rodrigo Carvalho da Silva. Uma história de sucesso para uma banda, que vem servindo de orgulho para o nosso povo.

O Antigo Cinema

Uma memória bastante evocada nos relatos dos antigos moradores e que se tornou bastante importante para a população de Santa Cruz diz respeito à inauguração de um cinema na cidade. A estréia seria marcada por um filme de faroeste “A Deusa de Joba”. O filme conta a história de um domador de animais selvagens que ajuda um garoto a resgatar sua irmã, mantida cativa em Joba, na África, onde é adorada como deusa.



Figura 63: Cartaz do filme “A Deusa de Joba”.

De acordo com Maria Bicalho e Eneida Torres, a cidade estava cheia de expectativa com a inauguração da novidade, sendo que o cinema ocuparia uma casa de propriedade do então prefeito Sr. Antônio Pio. A curiosidade geral pela inovação trazida pelo cinema parecia contagiar a todos:

“Depois de muitas idas e vindas, teríamos a primeira sessão. Muitos dos assistentes não tinham a menor idéia do que iriam ver, mas lutavam para ocupar as primeiras cadeiras”⁹.

⁹ *Idem*, pp. 15-16.

Capítulo 7

A Represa e as enchentes: história recente do município

A Usina Hidrelétrica Risoleta Neves (Represa da Candonga), de propriedade do consórcio Companhia Vale do Rio Doce e Novelis do Brasil representa um importante marco da história recente de Santa Cruz do Escalvado. Está implantada no limite entre os municípios de Santa Cruz do Escalvado e Rio Doce, e a energia gerada é enviada por fios de transmissão até a subestação de Ponte Nova, de propriedade da CEMIG, que faz sua distribuição para as áreas de consumo.

De acordo com a descrição do ARO Arquitetos, “Predominantemente em estilo contemporâneo, a UHE Candonga é uma obra pesada de engenharia. Possui traços modernos, design arrojado e construção através de 330.000m³ de escavações mecanizadas e 147.000m³ de escavação em rocha a fogo. É uma obra em concreto convencional (122.000m³), concreto compactado a rolo (240.000m³) e estrutura metálica”. A represa possui uma potência instalada de 140MW e queda líquida máxima de 48,6m na sua barragem.



Figura 64: desvio do curso do Rio Doce para a construção da represa.

Foto: Acervo Prefeitura.

As obras para a construção da represa se iniciaram no ano de 2001, e foram completadas no ano de 2004, quando a represa entrou em funcionamento. Um fato marcante com relação à Represa da Candonga foi a necessidade de alteração do curso do Rio Doce,

que acabou por levar à retirada da população que habitava o então distrito de São Sebastião do Soberbo para uma nova localidade, denominada Nova Soberbo. As famílias foram indenizadas e foram construídas novas residências. Hoje, Nova Soberbo é um dos locais de maior desenvolvimento de Santa Cruz do Escalvado.

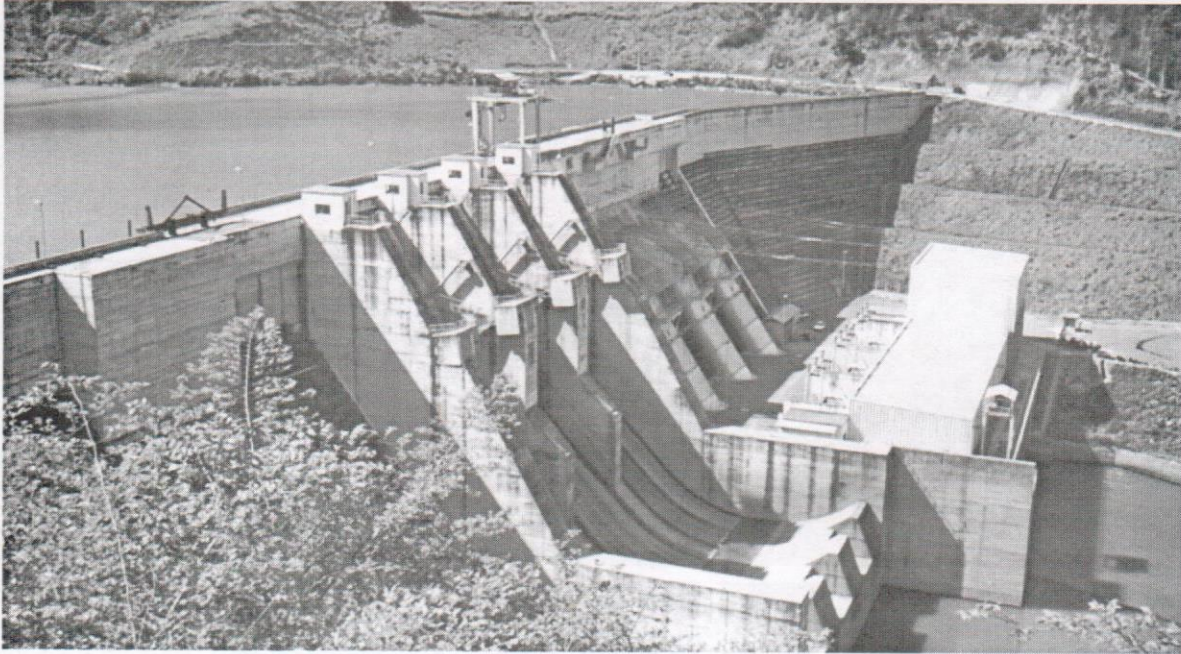


Figura 65: Vista da estrutura da Usina Hidrelétrica Risoleta Neves (Represa da Candonga). Foto: Acervo dos Autores.



Figura 66: Represa da Candonga vista do lago. Foto: Acervo dos Autores.

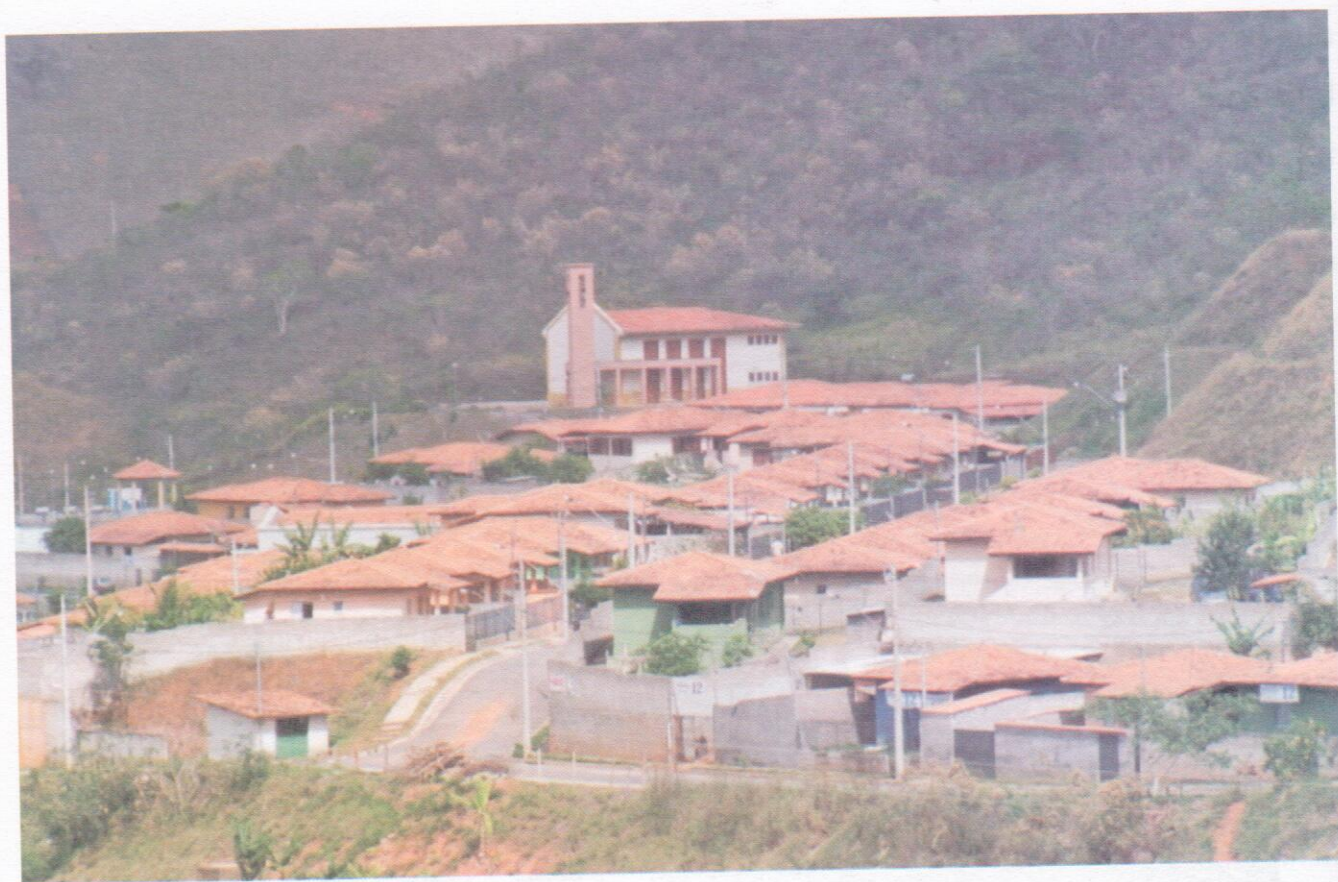


Figura 67: Povoado Nova Soberbo, construído para abrigar os moradores da área alagada pela represa. Foto: Acervo dos Autores.

Outro elemento que merece destaque na história recente do município são as duas grandes enchentes que assolaram Santa Cruz do Escalvado nos anos de 2002 e 2004.

A ocorrência destas enchentes está diretamente relacionada ao processo de ocupação humana e à constituição geográfica da região. Como vimos, boa parte da cobertura vegetal natural formada pela Mata Atlântica foi devastada ao longo dos tempos para o incremento das atividades agropastoris, tornando a região mais sujeita a alagamentos. Além disto, o Município está dentro de um vale que constantemente é assolado pelas cheias, como já aconteceu várias vezes. As duas últimas grandes enchentes ocorridas em fevereiro de 2002 e abril de 2004 geraram grandes transtornos e perdas materiais, como a documentação da Câmara Municipal. Algumas das casas do distrito sede foram destruídas, e a água chegou a inundar algumas residências. Apesar dos estragos materiais, não foram registradas mortes por causa das enchentes. A imprensa da época deu grande destaque para o quadro de calamidade que se instalou então em Santa Cruz do Escalvado e demais cidades circunvizinhas que também sofreram com as chuvas:

ENCHENTE

Desespero e destruição em Santa Cruz do Escalvado



Os escombros demonstram a força das águas.

"Destruição... Casa... Trágica... Pânico..." estas são algumas das palavras usadas por moradores da cidade de Santa Cruz do Escalvado, localizada a 35 Km de Poço Novo, para descrever os momentos vividos no início da manhã de 06/02.

Por volta das 06:15 horas, já corriam boatos pela cidade de que o leito do ribeirão do Escalvado estava subindo muito rápido, em consequência das chuvas torrenciais que caíram nas últimas horas. Pouco tempo depois, às 9:00 horas, comerciantes e moradores tiveram suas casas e comércio destruídos de uma forma arrasadora: casas derrubadas, móveis, eletrodomésticos, roupas, mercadorias, tudo perdido; até carros sumiram no meio da correnteza. A população terrorizada, sem poder fazer nada para salvar os seus pertences, restou esperar. Alguns conseguiram retirar carros e alguns objetos, mas a maioria perdeu tudo.

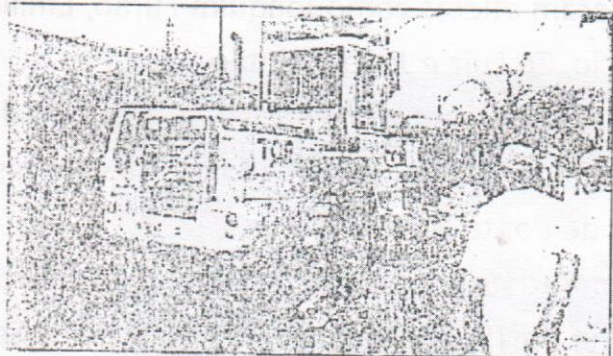
O prefeito Luiz Cláudio Vasconcelos disse ao JL Notícias que a cidade vive uma situação caótica. "Muitas pessoas perderam tudo". O prefeito avaliou os danos de pontes afetadas, a perda de todos os equipamentos comprados recentemente para o funcionamento da Politécnica, que seria inaugurada nos próximos dias: prejuízo superior a R\$ 400 mil. "Os aparelhos novos estão todos estragados, inclusive um aparelho de Raiu X, novíssimo. Perdemos também merenda escolar e veículos foram danificados". Luiz Cláudio disse que irá buscar recursos estaduais e federais, para ajudar na reconstrução da cidade, que ainda ficou sem comunicação telefônica.

A prefeitura começou imediatamente a

limpeza das ruas e das casas, além de instaurar a população para o risco de doenças. Os desabrigados estão alojados em igrejas e prédios públicos, recebendo colchões e comida: A Polícia Civil, Polícia Militar, a Copasa, a Telemar, o Consórcio Candonga e a Construtora OAS se prontificaram em ajudar no que for possível.



O Prefeito Luiz Cláudio disse que dará todo apoio à população.



A limpeza e reconstrução da cidade são etapas a seguir.



Dona Argentina: "Isso não reconstruirá tudo novamente".

Dona Argentina de Almeida, 71 anos, mãe de José de Almeida, um dos comerciantes mais afetados, nascida e criada em Santa Cruz, afirmou nunca ter visto fato igual. "Em outros anos, tivemos pequenas enchentes, mas com pequenos prejuízos. Desta vez, parecia que a natureza acabara. Eu tive que ser muito forte para acalmar os meus netos. Todos choravam muito". Dona Argentina, com sua obediência, enfrenta o problema como quem sabe que a vida exige o máximo de todos.



Verivaldo Léo: "Nunca vi nada parecido".

O vereador Léo, presidente da Câmara Municipal, informou que o primeiro andar do prédio da Câmara foi totalmente inundado pelas águas. "Perdemos todo o arquivo morto". As águas assolaram a cidade e transformaram todas as pessoas em voluntários. Cada cidadão santacruzense tem que exercer um dos ofícios mais nobres do ser humano: o ofício da solidariedade. Até os mais experientes concordam que Santa Cruz do Escalvado nunca passou por semelhante situação.



José Geraldo, da padaria Nossa Senhora das Graças: "tragédia".

Muito emocionado, José Geraldo Lanno, "Léo da Padaria", proprietário da Padaria Nossa Senhora das Graças, viu o esforço de décadas ser destruído em minutos. "Vi o esforço de meu avô, que começou a padaria, que passou para meu pai e posteriormente para mim, ser reduzido a nada. Até o prédio foi destruído. Se vou conseguir assimilar o que aconteceu depois de muito tempo. É desesperadora nossa situação. Espero que as autoridades nos ajudem a reconstruir nossas vidas".



José de Almeida: desolado com a situação de calamidade.

"Meu prejuízo deve passar dos R\$ 300 mil", relata José de Almeida, 47 anos, casado, proprietário de um supermercado, uma loja de móveis e uma empacotadora de pimenta, um dos mais prejudicados. Até um veículo variante de sua propriedade, foi arrastado, desaparecendo. "Esperamos agora que as autoridades se sensibilizem com os nossos problemas e procurem nos ajudar a reconstruir nossas vidas. Vou recomeçar do zero, mas com a minha idade será difícil".



Graça Ferraz: "Foi muita sorte ninguém ter morrido".

A moradora Graça Ferraz, disse que seu pai, ao ver a situação quando estava saindo para o trabalho, resolveu retornar e tirar sua mãe rapidamente pelos fundos da casa. "O vizinho de frente não morreu afogado por ser: eles subiram em cima do congelador que boiava dentro de sua mercearia, ficando com água até o pescoço. Mas 30 centímetros e teriam morrido". Já a comerciante Maria de Fátima perdeu tudo que estava em sua papelaria. Ela teve que assistir as águas carregarem tudo que tinha em sua loja.

O Secretário de Ação Social, Fernando Andrade, informou que a Defesa Civil foi contatada imediatamente e todas as providências foram tomadas para amenizar o sofrimento dos atingidos. "As rádios de toda região atenderam nosso apelo, recebendo doativos para os desabrigados."

8 JUL

notícias

"O fraco jamais perdoo, o peião é característica do forte". (Gandhi)

Padre culpa represas

O Pe. Marcos, pároco local, e outros moradores de Santa Cruz, disseram ao JL Notícias que um dos maiores agravantes para a tragédia foram as represas para criação de peixes, construídas ao longo do ribeirão em propriedades particulares, sem nenhum critério técnico. Algumas não suportaram a força das águas e se romperam, causando uma onda de destruição gigantesca.

A soma das águas das chuvas e das águas das represas forma uma operação matemática muito desagradável.

Luiz Cláudio contesta

Luiz Cláudio afirmou que as represas de criação de peixes não devem ser responsabilizadas pela enchente. Segundo o prefeito, o volume de chuva foi muito grande e, com ou sem represas, a tragédia aconteceria. Contudo, informou que irá investigar e encomendar um estudo sobre as represas construídas em outros locais, que possam oferecer riscos à população.

Mes os moradores informaram que em outras ocasiões outras represas já se romperam, causando inundações de pequeno porte, proporcionando pequenos prejuízos. A programação de Carnaval foi cancelada.

Figura 68: JL Notícias, 8 de fevereiro de 2002.

Capítulo 8:

Os esportes na cidade

A prática de esportes já fazia parte da história do município de Santa Cruz do Escalvado, antes mesmo da sua emancipação.

O principal esporte praticado na cidade, seguindo a preferência nacional, é o futebol. Inicialmente, os treinos futebolísticos aconteciam no campo do Patrimônio, localizado no bairro Santo Antônio, por onde desfilaram atletas como Joaquim Furão, Emílio Rosa, Jacy, Santinho, Zé Torres, Geraldo Caboclo, Zé Luiz e João Quintão.

No início da década de 40 as atividades esportivas se transferiram para o campo do São João. Atletas de Santa Cruz, como Zé Nubrinha, Romualdo e Chandico, fizeram história em memoráveis partidas contra equipes de Ponte Nova e Rio Casca.

Um ponto importante para o desenvolvimento do esporte na cidade foi o esforço coletivo para a construção do estádio. Em julho de 1954, um grupo formado pelos Senhores Zizinho e Marino, Nitinha do Correio, João Milagre, José Gomes e outros liderados pelo padre Francisco Xavier Gomes, adquiriram por 10 mil moedas da época, as terras onde hoje se localiza o Estádio Padre Xavier e fundaram a Sociedade Esportiva Santacruzense. Ao Grupo se acrescentaram José Faria e Adir Bicalho, que contribuíram com 2 mil moedas para cobrir as despesas com a documentação do imóvel. Máquinas foram contratadas para as obras e, em 1957, estava construído o estádio Padre Xavier.

Entre os diretores e parceiros que colaboraram com grandes realizações podem ser citados: Jerônimo Alves Moreira Lana, Benjamin Lima Dias e Geraldo Carneiro Vieira Lima.

O antigo vestiário do campo de futebol da Sociedade Esportiva de Santacruzense foi construído em 1979 por iniciativa de Geraldinho de Chico Lima, que reuniu alguns amigos que contribuíram com material necessário para início da obra, feita através de mutirão pelos atletas - que até então trocavam de roupa no meio do mato ou chegavam ao estádio já uniformizados! - e outras pessoas amantes do futebol, até mesmo crianças. Como o dinheiro não foi suficiente para o custeio de toda obra, Geraldinho conseguiu alguns novilhos doados por João Carneiro Lima e Arini Vieira Lima (presidente do time) e fez uma rifa dos animais para arrecadar fundos para o término da obra.

Arini Vieira Lima montou uma grande equipe formada por atletas do município, alguns residentes em Belo Horizonte e que se deslocavam até Santa Cruz do Escalvado todos os finais de semana para defenderem o nome da Sociedade Esportiva Santacruzense.

Na década de 60, onde hoje está construída a policlínica do município, existia uma quadra de terra batida, lugar onde o público vibrava com as memoráveis partidas de voleibol da equipe santacruzense onde se destacavam: Zé de Beijo, Terezinha Jales, Padre Simões, Itamar, João Milagres, Toninho eletricitista, entre outros.

João Bosco da Silva Jales, entre as décadas de 80 e 90, foi o responsável pela divulgação do nome do Clube e sua inclusão nas disputas oficiais da L.M.D. de Ponte Nova em 1982, numa decisão com o Municipal Atlético Clube de Ponte Nova e, em 1995, contra a S.E.R. de Rio Casca. Também foi o responsável pela compra do primeiro alambrado



Figuras 69 e 70: Esporte Clube Santacruzense. Foto: Acervo Prefeitura.

numa parceria com a Prefeitura Municipal, pela ampliação do Estádio com a mudança do curso do Ribeirão do Escalvado que passava a menos de 3 metros do alambrado, e pela realização do 1º Festival da Cachaça, hoje, evento tradicional da cidade. Foi, ainda, o responsável pela inclusão do Clube em disputas oficiais nas categorias de base, pela vinda de grandes atletas, pela realização do 1º campeonato Municipal e pela instituição do atual escudo do Clube, além da oficialização das cores vermelho e branco.

Nos meados da década de 80, se destacou como diretor José Vieira Passos, campeão Regional de 1985 numa memorável decisão contra o Primeiro de Maio da cidade de Ponte Nova e responsável pela construção do alambrado adquirido na gestão do seu antecessor.

No final da década de 80 e início da década de 90 ocupou lugar de destaque aquele que é considerado por muitos como o maior colaborador, o mais apaixonado torcedor, o maior amante da S.E.S., presente desde a fundação da instituição, e que visitava diaria-



Figura 70

mente as dependências do clube, braço forte de todos os diretores. Trata-se do Sr. Marino Gomes Barreto, que participou de todas as conquistas do Clube, em especial, do *Torneio Imprensa* conta o Rodoviário de Barra Longa, no início dos anos 90. Em parceria com o então prefeito José Ferraz foi também o responsável pela construção da ponte e acesso ao Estádio, que até então era realizado por uma pinguela de madeira, e posteriormente responsável pela sua reconstrução, após ser danificada por uma enchente.

Memoráveis também foram as partidas e, em especial, as decisões que a S.E.S. perdeu no campeonato de Dom Silvério para o Rio Doce e para o Esporte Clube Saudense nos 80.

Até o final dos anos 90 o Estádio Padre Xavier pertencia a particulares, pessoas e herdeiros daqueles que haviam adquirido o imóvel na década de 50, quando o Diretor Dillmar Martins Ferraz, com grandes esforços, juntamente com o advogado Dr. Nélio Ferreira de Souza, conseguiu a legalização do imóvel.

Em 2002 por ocasião da primeira grande enchente, o Estádio foi completamente destruído e o futebol santacruzense entra em declínio. Reconstruído e remodelado em 2003, na administração do prefeito Geraldo de Aquino Filho, e colocado em excelentes condições para a prática do futebol, foi novamente destruído pela enchente de 2004, às vésperas de sua reinauguração, o que fez, uma vez mais, a atividade futebolística praticamente desaparecer na sede do município.

Santa Cruz já se destacou também no atletismo, quando residiu na cidade o atleta Ademir Evangelista Ribeiro, pelotão de frente da *Corrida de São Silvestre* (20º lugar), membro da Seleção Mineira, merecedor de dezenas de medalhas e troféus. Foi vencedor, em sua época, de todas as corridas que participou na cidade de Ponte Nova e incentivador do atletismo na cidade. Era conhecido por correr pelas roças e montanhas do município para treinar, acompanhado de alguns adolescentes incentivados pelas suas vitórias. Dentre estes se destacava Oscar Damásio.

Capítulo 9

As escolas de Santa Cruz

Nos primeiros anos de formação do município de Santa Cruz do Escalvado, a educação era informal. Como era a realidade em várias regiões do país, a dificuldade na formação de professores levada a adaptações no quadro de contratações de professores para as escolas. No interior, esta situação se mostrava ainda mais precária. Muitas vezes, a falta de escolas levava as famílias a procurar soluções que permitissem a educação das crianças. Desta forma, não raro, professores leigos eram contratados pelos pais para ensinar aos seus filhos. Segundo relatos dos moradores, um dos primeiros professores a lecionar na região teria sido o Sr. José Nicolau Brum, no início do século XX. O Sr. José Brum tinha fama de ser exigente e punir os alunos com o uso da palmatória, comum à época. Outro professor que atuou na região foi o Sr. Manoel Campos, que tinha o hábito de se hospedar nas casas dos contratantes. Como tinha conhecimentos de medicina, também ajudava no tratamento de doenças, como a febre amarela.

Também na primeira metade do século XX, um grupo de professoras leigas lideradas pela Sra. Georgeta Marinho Sette e Câmara deu início a um projeto educacional intitulado “Escolas Reunidas”, levando as professoras voluntárias para lecionar em espaços diversos, como a casa paroquial, casas dos alunos ou espaços cedidos. Através do Decreto nº. 9.465, de 1930, as Escolas Reunidas formaram o Grupo Escolar Dr. Otávio Soares. O prédio, construído em 1940, contava com quatro salas de aula, sala da Diretoria, sala de reuniões e dois banheiros. Em pouco tempo, o Grupo Escolar, tornou-se referência em educação de qualidade e de sociabilidade em toda a região. Maria Bicalho e Eneida Torres nos dão uma idéia de como funcionava o cotidiano do Grupo Escolar:

“O Grupo Escolar Dr. Otávio Soares tinha somente quatro salas, dois sanitários, uma sala para a Diretoria, uma sala para reuniões das professoras, onde era colocada a bandeira. Todos os alunos que passavam por esta sala, tiravam o chapéu ou o boné e se inclinavam em frente a bandeira em sinal de respeito. As alunas passavam com a mão no peito fazendo uma leve inclinação com a cabeça, isto é, quando as professoras estavam por perto. O Hino Nacional e o Hino à Bandeira eram cantados todas as semanas antes da saída dos alunos para o recreio”¹⁰.

¹⁰ TORRES, Maria Bicalho Sette e TORRES, Eneida de Lana Sette. *Op. cit.*, 1997, p. 11.



Figuras 71 e 72: fotos antiga e atual do Grupo Escolar Doutor Otávio Soares.

Em agosto de 2006 foi executada a última grande reforma na Escola Estadual Dr. Otávio Soares. As principais melhorias executadas dizem respeito à infra-estrutura e renovação do material pedagógico e de apoio para o bom funcionamento do processo de ensino-aprendizagem.



Figura 73: Atividades do MOBRAL. 1972.

O Sino do Grupo Escolar

Adotado pela educadora e primeira Diretora do Grupo Escolar, a Sra. Georgeta Sette, como o instrumento responsável por regular a vida estudantil e mesmo administrativa de toda a instituição, o sino, bem simples, passou a simbolizar, nos anos seguintes, o respeito e a obediência às normas da escola, às regras disciplinares e aos professores, numa época de intensa valorização da educação pública, apesar das dificuldades vividas por todos os moradores de Santa Cruz do Escalvado.

Torna-se interessante destacar o fato de que o sino sofreu diversos usos ao longo dos anos de sua utilização no Grupo Escolar. Podemos citar, como bons exemplos, baseando-nos nos relatos da Sra. Terezinha Jalles, os toques matinais anunciando os eventos cívicos e religiosos, o canto do Hino Nacional e orações. Após o toque, os alunos formavam filas para as suas execuções. Em seguida, dava-se outro toque de sino para a

entrada nas salas de aula. Esta entrada era feita turma por turma. Momentos mais tarde, o sino soava para o recreio e o lanche e, mais uma vez, as turmas saíam uma por uma, com a dos menores na frente. Ao término do recreio, o sino soava novamente para anunciar a volta às salas de aula, sendo, por fim, badalado para que todos pudessem ir para as suas casas, ordenados e vigiados pelas professoras.

Quando havia um comunicado importante a fazer na Escola, um problema, uma notícia de morte, uma comemoração ou festa, a funcionária encarregada, a sinaleira, que por vezes era a própria Diretora, tocava o sino e todos se punham em ordem no pátio para ouvir o comunicado, retornando, posteriormente, às salas de aula.

A localização do sino sempre fora a mesma desde o primeiro momento até o último, em 1991, quando foi substituído por um sinal eletrônico.

Outras Escolas do Município

A cidade de Santa Cruz do Escalvado também conta com outras escolas que compõem o quadro educacional do município. Dentre elas está a Escola Municipal Padre Simões.



Figura 74: Escola Municipal Padre Simões. Foto: Acervo dos Autores.

A escola leva este nome como homenagem ao Padre José Feliciano da Costa Simões, pároco da cidade na época da doação do terreno para a Prefeitura, há cerca de quatro décadas, e que muito se empenhou para que a escola fosse construída.

Antes da edificação da Escola Municipal Padre Simões, existiu na região uma pequena escola, composta por dois cômodos de pau-a-pique. Na falta de professores formados, as aulas eram ministradas pelas pessoas consideradas mais sábias na localidade que com boa vontade ensinavam o que sabiam aos mais jovens.

A Escola Municipal Amaro Ribeiro Gomes, localizada no povoado de São José da Vargem Alegre, na Zona Rural da cidade foi fundada no ano de 1953, e leva o nome de seu fundador.



Figura 75: Escola Municipal José Gomes de Souza. Foto: Acervo dos Autores.

Já a Escola Municipal José Gomes de Souza foi criada no distrito de Novo Soberbo, construído para alocar os moradores do antigo distrito que foi alagado com a construção da Represa da Candonga. É, atualmente, uma das mais bem equipadas escolas do município.

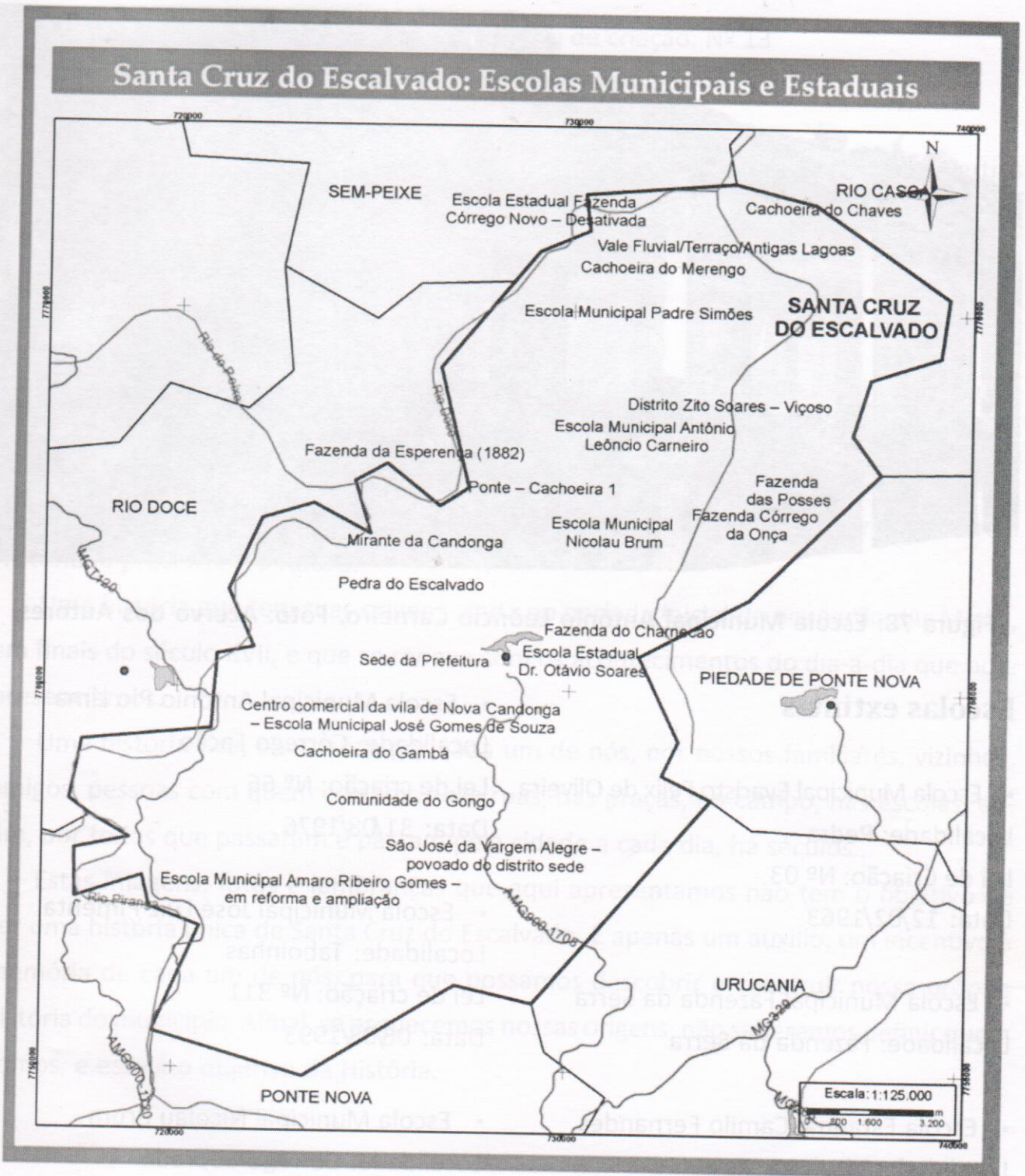
No decorrer dos anos, o caráter dispersivo da zona rural levou algumas escolas a serem extintas do quadro educacional de Santa Cruz do Escalvado, e seus alunos transferidos para outras escolas. É o caso desta antiga construção ainda existente na Zona Rural, onde funcionou, durante anos, a Escola Estadual Fazenda Córrego Novo, e que agora se encontra em ruínas:



Figura 76: Ruínas da Escola Fazenda Córrego Novo. Foto: Acervo dos Autores.

A localização das escolas existentes no município de Santa Cruz do Escalvado

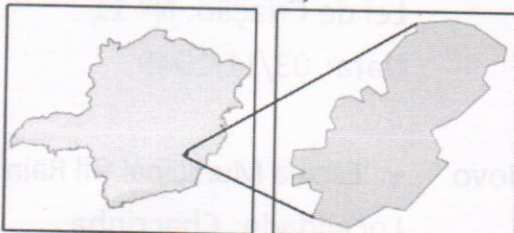
- Escola Municipal Dias Lopes, localizada em Córrego de Antônio Joaquim, criada pela Lei Municipal n°. 11 de 23 de novembro de 1949.
- Escola Municipal Helena Rosa de Melo, localizada em Córrego dos Pedras, criada pela Lei Municipal n°. 11 de 23 de novembro de 1949.
- Escola Municipal Padre Simões, localizada no Povoado de Sagrado Coração de Jesus (Merengo), criada pela Lei Municipal n°. 01 de 11 de fevereiro de 1963.
- Escola Municipal Francisco Caetano, localizada em Córrego de Porto Plácido, criada pela Lei Municipal n°. 45 de 20 de junho de 1974.
- Escola Municipal José Gomes de Souza, localizada Distrito de São Sebastião do Soberbo (Novo Soberbo), criada pela Lei Municipal n°. 389 de 25 de outubro de 1996.
- Escola Municipal Antônio Leôncio Carneiro, localizada no Distrito de Zito Soares, criada pela Lei Estadual n°. 5.579 de 21 de outubro de 1970 e municipalizada pela Lei Municipal n°. 8.839 de 17 de fevereiro de 1998.
- Escola Municipal Amaro Ribeiro Gomes, localizada no Povoado de São José da Vargem Alegre.



Localização

Projeção:
Universal Transversa
de Mercator (UTM)
SAD 69
Zona 23S

Fonte:
IBGE 2002



Elaboração:
André Luiz Lopes de Faria
Angelo Adriano Faria de Assis
Carolina Ranzhol Brito
Execução:
LABGEO (DPS)
LAB GEO FIS APLICADA
(DAH)
Viçosa - MG
Data de Publicação:
25/09/2008

Legenda

- Sedes Municipais
- Pontos coletados
- Rodovia
- Hidrografia
- Manchas urbanas
- Municípios Limítrofes
- Santa Cruz do Escalvado

Figura 77: Localização das escolas no município.



Figura 78: Escola Municipal Antônio Leôncio Carneiro. Foto: Acervo dos Autores.

Escolas extintas

- Escola Municipal Evaristo Felix de Oliveira
Localidade: Pedra
Lei de Criação: Nº 03
Data: 12/02/1963
- Escola Municipal Fazenda da Serra
Localidade: Fazenda da Serra
- Escola Estadual Camilo Fernandes
Localidade: Vituruna
Lei de criação: Nº 142
Data: 19/01/1959
- Escola Estadual Fazenda Córrego Novo
Localidade: Córrego Novo
Lei de criação: S/N
Data: 09/06/1965
- Escola Municipal Antônio Pio Lima
Localidade: Córrego Facão
Lei de criação: Nº 66
Data: 31/08/1976
- Escola Municipal José Luiz Pimenta
Localidade: Taboinhas
Lei de criação: Nº 311
Data: 06/08/1993
- Escola Municipal Nicolau Brum
Localidade: Córrego Sobrado
Lei de Criação: Nº 11
Data: 03/11/1949
- Escola Municipal Gil Raimundo da Silva
Localidade: Chacrinha
Lei de Criação: Nº 25
Data: 21/11/1950

- Escola Municipal Francisco Martins da Silva Lei de criação: Nº 13
Localidade: Córrego Correias Data 28/11/1963
- Escola Municipal Dr. José Miranda Chaves • Escola Mun. Luiz Carlos Soares Martins
Localidade: Córrego Taboinhas Localidade: Laranjeiras

Concluindo...

Como vimos ao longo destas páginas, a História de Santa Cruz do Escalvado é múltipla, variada e cheia de especificidades. Lembranças que, unidas, levam a uma melhor compreensão de como o município foi formado e construiu sua cultura, suas características, seu modo de ser e viver, como se atualiza e mantém tradições, no convívio entra a História, o presente e o futuro.

Uma história que tem suas origens ainda no período inicial de ocupação das Minas, em finais do século XVII, e que se renova com os acontecimentos do dia-a-dia que hoje presenciamos.

Uma história rica, construída por cada um de nós, por nossos familiares, vizinhos, amigos, pessoas com quem cruzamos nas ruas, nas praças, no campo, nas escolas, enfim, por todos que passaram e passam pela cidade a cada dia, há séculos...

Estas imagens, fotos e lembranças que aqui apresentamos não tem o objetivo de ser uma história única de Santa Cruz do Escalvado. É apenas um auxílio, um incentivo à memória de cada um de nós, para que possamos descobrir e construir nossa própria história do município. Afinal, se esquecemos nossas origens, não saberemos definir quem somos, e esse é o objetivo da História.

Anote sua história...



Santa Cruz HISTÓRIA do Escalvado

Contar uma história é uma das formas de guardarmos a memória de um povo.

A coleta, análise e discussão dos dados obtidos de forma direta e indireta, ou seja, consulta a bibliotecas, órgãos governamentais, igrejas e diretamente com a população local consistem nas principais fontes para sua obtenção.

Colocar no papel estas informações não é uma questão fácil, pois, estamos lidando com situações/temas e informações que estão diretamente ligadas com a história de um povo e, se não tivermos cuidado, corremos o risco de não expressar os sentimentos, as emoções e principalmente a realidade analisada.

Há sempre várias formas de se contar uma história. Claro que não pretendemos esgotar um assunto tão importante e complexo.

O Objetivo deste livro é o de disponibilizar em um único local informações que estavam dispersas em várias fontes e incentivar a coleta de novas memórias, mostrando como o passado permanece vivo e influencia no presente e futuro de uma sociedade.

ISBN



9 788561 911096